

Capítulo IV

Sobre as práticas corporais e a atividade física

Ligia Amparo da Silva Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, LAS. Sobre as práticas corporais e a atividade física. In: *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 86-151. ISBN 978-85-232-1170-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Capítulo IV

Sobre as práticas corporais e a
atividade física



Este capítulo comporta duas partes. A primeira é sobre o corpo e a corporalidade explorando, a partir dos discursos dos sujeitos, as suas representações, sentidos e significados. Opera dentro de uma taxionomia elaborada através das falas entrecruzando com as construídas por outros discursos, particularmente o científico, com foco na antropometria. Foram múltiplas as maneiras de classificar o corpo: a primeira foi considerando uma morfologia anatômica mais ampla – as categorias do corpo gordo/obeso, do corpo magro, e do musculoso; e as outras formas foram mais minuciosas que procuraram dissecar o corpo seja “em partes” – tronco, abdômen e os membros; “em camadas” – gordura e músculos; ou ainda no corpo interno e externo focalizando especialmente o estômago. Por fim, discutirá brevemente alguns aspectos sobre o padrão corporal da mulher brasileira contemporânea.

A segunda parte se refere ao corpo em movimento. Ou seja, alguns aspectos sobre as mudanças e permanências das práticas corporais que se fazem presente no contexto soteropolitano – trabalho, lazer e atividade física, centrando na atividade física contemporânea, em que a academia de ginástica se constitui em um dos principais espaços para o exercício desta prática. Em seguida, explorará aspectos de como os entrevistados têm instituído a prática da atividade física no seu cotidiano, os itinerários perseguidos, os sentidos e significados desta prática, o monitoramento das formas corporais assim como as representações do metabolismo deste corpo imposto ao movimento. Considera estar em curso uma “política” de emagrecimento dos corpos, que será tratado nas considerações finais intercambiando com alguns comentários sobre tal “política” no contexto soteropolitano contemporâneo.

Sobre o corpo e a corporalidade

Os significados do corpo e sua corporalidade

Vigarello (2005c), pensando na história da anatomia, questionou o que seria descrever um corpo. A história da descrição dos corpos se confunde com a história da linguagem onde todo um vocabulário se constrói, utilizando uma série de modelos imaginários como, por exemplo, a interconexão da história

da anatomia com a arquitetura, a analogia da máquina, o impacto das descobertas de William Harvey sobre a circulação sanguínea, de Lavoisier sobre a combustão e o papel do oxigênio, enfim; são inúmeros os exemplos que fazem parte, modelam, redirecionam as formas de olhar, descrever e narrar o corpo.

Os entrevistados desta pesquisa foram desafiados a descrever alguns aspectos sobre os seus corpos e as suas corporalidades. No que tange à interpretação do que significa o corpo para os entrevistados, uma forte metáfora utilizada, sobretudo no discurso masculino, foi o corpo enquanto “máquina”. Uma máquina “que temos disponível para atuar”, perfeita e ordenada na qual tudo tem sua função e razão de ser. Uma máquina que exige cuidado, uma “boa manutenção”, caso contrário, “o motor bate mais cedo” ou então fica “à deriva”:

Corpo é uma máquina. Se você não cuidar dele, pára, parando, um abraço. Então tem que cuidar do corpo, cuidar da máquina agora, ajeitar ela, deixar trabalhando direito porque se ela não trabalhar direito, bater o motor e já era (Alberto).

O corpo para mim é uma máquina. Trabalha tudo certinho, tudo no corpo humano tem sua razão de ser, tem sua razão de estar ali. (...) é impressionante a forma que o corpo trabalha, a forma que o corpo reage ao estímulo de uma atividade física, a forma que o corpo reage a sua reeducação alimentar (Flávio).

Observa-se a concepção de uma natureza perfeita, em certa medida, mágica, que disponibiliza um instrumental que nos cabe cuidar, manter e utilizar da melhor forma possível. A metáfora da máquina tal como a concebemos ainda hoje, emerge no século XIX com a revolução industrial, identificando a natureza como perfeita e ordenada. Esta concepção substitui a máquina humana de Descartes em que a “força motora” era obra divina que responde ao comando da alma. Nesta nova concepção, natureza, indústria e atividade humana são ligadas pelos mesmos princípios e leis. Rabinbach (1992) destaca a revolução conceitual que trouxe a termodinâmica para esta visão do corpo humano, especialmente as suas leis de conservação de energia e da entropia. Estas leis explicariam a utilização do corpo como um motor humano que produz energia mecânica, revolucionando, por sua vez, a imagem do trabalho¹.

Todavia, a metáfora da máquina está em declínio. As discussões sobre corpo pós-moderno ou o corpo pós-orgânico, nas quais as áreas fundamentais da

tecnociência contemporânea – informática, telecomunicações e as biotecnologias – estão contribuindo para a produção dos corpos neste início de século, têm trazido para o imaginário coletivo um corpo-informação. Discute-se a idéia de um corpo obsoleto uma vez que as evoluções tecnológicas seriam muito mais velozes do que a evolução biológica. Assim, novos cortes são estabelecidos nas tradicionais fronteiras entre o organismo natural e os artifícios que, evidentemente, produzem novas metáforas referentes a estes processos de hibridização do homem com a tecnologia como a figura do *cyborg*, presente em produções cinematográficas como *Brade Runner*, *Inteligência Artificial*, *Matrix* dentre outros amplamente citados pela literatura (Silibia, 2003; Le Breton, 2003).

Apesar destes fenômenos, e mesmo estando parte dos entrevistados, de alguma maneira, inserindo os seus corpos no mundo digitalizado e informacional, a metáfora da máquina ainda persistiu com intensidade nos discursos. Não significa dizer que não houve mudanças. Os entrevistados fizeram referências sobre os exames de monitoramento da saúde ou do controle da atividade física, indicaram os seus desejos e restrições em relação às cirurgias plásticas, ou ainda as experiências virtuais produzidas pelas telecomunicações contemporâneas. A persistência desta metáfora também não descarta as possibilidades imaginativas trazidas pela mídia das produções científicas no campo da engenharia genética, por exemplo, ou ainda das produções artísticas, em especial o cinema. No entanto, isso possivelmente trata-se ainda do corpo de um outro, um corpo imaginário, ainda distante no corpo de si, o corpo vivido no cotidiano que continua composto de “carne e osso”, e com forte influência do comando divino para as situações inexplicáveis.

Pensando então no corpo enquanto uma máquina que atua perfeitamente, os desvios – as doenças – são, cada vez mais, considerados frutos do ‘descuido’ do homem. Assim como uma máquina, o corpo exige manutenção e cuidados para garantir o seu bom funcionamento e a sua longevidade.

Este imaginário da máquina coadunou com algumas interpretações do corpo enquanto um *sistema*, “conjunto de órgãos e tecidos” ou ainda como “de carne e osso”, sendo ele “a segunda parte depois do cérebro”, uma dimensão essencialmente biológica e da subdivisão oriunda particularmente da anatomia. Esta visão do corpo em partes que se articulam remonta o século XVI no qual Mandressi (2003) designou como a “civilização da anatomia”. A abertura dos territórios corporais através da lâmina, em nome da ciência e do conhecimento,

favoreceu novas perspectivas no que tange ao olhar sobre o corpo, fundado na fragmentação e se constituindo em uma verdadeira colonização. O corpo morto ofereceu elementos para compreender o corpo vivo. Eclodiu uma invenção do corpo, com mapas, nomenclaturas, classificações, e descobertas de novas regiões.

As novas leituras e narrativas sobre o corpo foram constantemente marcadas por um mútuo intercâmbio de metáforas com outros campos do saber como, por exemplo, a arquitetura. Artérias, veias, e vias das cidades, conforme lembra Sennett (2003), o sistema ósseo, a estrutura do corpo e estrutura arquitetônica que, por sua vez, oferece a noção da “metáfora do suporte”, como foi utilizada pelos entrevistados, são alguns exemplos deste fervoroso universo de troca de imaginários. Vale, por fim, lembrar que a estrutura irá se mecanizar a partir do século XVIII, associando-se aos sistemas ósseos e musculares, por exemplo, em um processo de mecanização do mundo e, por conseguinte, irá influenciar na construção da metáfora da máquina.

O corpo também foi visto como um “suporte” da rotina diária e com um caráter também “situacional”, ou seja, a sua “utilidade” dependerá da situação vivenciada no momento: “São as duas fontes, depende da situação, você não está numa festa pensando no seu corpo como sustento, você está pensando em chegar e tentar seduzir aquela mulher” (Roberto).

Uma outra perspectiva foi relacionada ao corpo enquanto um *corpo-aparência*, cujas metáforas foram as de “um cartão de visita” ou de uma “capa de livro”, as quais já trazem escritos indícios do seu interior havendo assim uma relação entre aparência e essência.

Acho que é um cartão de visita!, visita da personalidade da pessoa, não sei, não sei se interfere muito na personalidade, mas você às vezes tem idéia de quem é a pessoa...Um gordinho, gordinho falo da barriga, está dobrando essas... ‘Pôxa!, Esse cara é relaxado...’ Ou então, sei lá, o pessoal tem essa idéia se é gordo é preguiçoso, às vezes não é isso, não tem nada a ver, geralmente fica essa primeira idéia, aquele cara ali deve ser devagar para o trabalho e tal. (Álvaro).

Se eu chego num lugar, primeiro chega meu corpo, então, aquela questão da vaidade está bem vestida, valorizar minhas partes (...)
Eu parto daí, desse princípio: que o corpo é o primeiro que chega, então já vai uma preocupação maior a coisa (Sara).

Trata-se de um corpo enquanto um prenúncio, no qual é possível fazer as primeiras leituras da pessoa. Um corpo que espelha a sua essência, pois, segundo a própria Sara, o corpo “é a consequência, é a consequência do tratamento que eu dou a ele”. Todavia, houve uma outra perspectiva do corpo enquanto “embalagem” ou um mero “acabamento” na qual a relação aparência não necessariamente corresponde à essência, ao interior: “Eu também gosto muito de corpo, acho legal, mas, antes de tudo eu, acho que o corpo é apenas o *acabamento*. O que é verdadeiramente importante que é o que a gente tem aqui dentro” (Ilda).

Olha! O corpo, na verdade, é essa questão da vaidade, é algo assim meio fútil sabe? Porque o corpo é uma ‘embalagem’, eu vejo assim, o que importa mesmo é o que está dentro. (...) Então é, para mim, isso não é interessante se você não está saudável por dentro. Então o corpo para mim não tem tanto, o corpo é o aspecto exterior e tal não tem tanta importância quanto o interior. Então, eu acho bonito, é aquela coisa assim, ‘cartão de visita’, você chegar assim sua fisionomia seu corpo está bonito, mas, mais do que essa beleza a gente tem que está bem por dentro (Marcela).

A afirmativa de Marcela não a impede de trabalhar esta “embalagem”, de afirmar que é vaidosa e que sente prazer em ter o seu corpo em forma, assim como para Ilda. Os extratos sobre esta questão, como se pôde observar, foram permeados de hesitações e dúvidas. Os discursos apontaram para um interior mais subjetivo: a personalidade da pessoa, a conduta em relação à vida – relaxado, preguiçoso – é “o que a gente tem aqui dentro”, mas também englobava os aspectos subjetivos da saúde, o sentir-se saudável. Marcela coloca em dúvida a relação entre um corpo bonito e um corpo saudável.

De qualquer sorte, estas visões irão interferir também na perspectiva do cuidado. Ilda entende que cuidar do corpo, sem dúvida significa cuidar do seu interior, embora ela deixa a entender que pode se cuidar por fora sem se preocupar com o interior, o que poderia ser classificado como o “culto ao corpo”. No entanto, ela se contradiz mais adiante quando considera “o corpo como apenas um acabamento”: “É como se fosse uma *maquiagem* legal que você bota, que você se veste de uma maneira legal, de chegar e se sentir bonita e mais nada, mas é para mim, digamos assim, uma ‘capa’ de você” (Ilda).

Outras falas apontaram que o cuidado simultâneo do interior e exterior devem ser importantes, no entanto, não houve conflito em relação à importância do cuidado exterior, da aparência, mesmo por aqueles que indicaram uma possível relação enganosa entre as duas instâncias. Contudo, este cuidado exterior tem limites. Houve cautela em relacionar o cuidado com as formas corporais a um culto ao corpo, sendo este não aceito quando realizado exageradamente: “Trabalhar o corpo em excesso é como se a pessoa não tivesse a parte bonita de dentro e não ter tanto para complementar a parte de dentro” (Ilda).

A palavra “culto” emerge de uma dimensão religiosa e pode tomar uma conotação de “pecado” quando se trata do culto ao corpo, melhor traduzido como culto à carne. Nos discursos, o culto foi associado à vaidade na sua dimensão pejorativa e a uma certa futilidade, o que parece diferir do cuidado com as formas corporais que estão em voga.

O corpo também foi descrito de uma forma mais sensorial: “o corpo é tudo”, “é referência da pessoa que expressa muitas coisas”, “é a pedra fundamental da pessoa”. Assume, em algumas falas, uma dimensão estética e sensual como, por exemplo, a fala de Virgínia:

Corpo? Corpo para mim, é estética, antes eu me via gorda, sem jeito. Corpo é charme, corpo é arte, corpo é desenvoltura, corpo é sensação, corpo é alegria, corpo é beleza. Então se você cuida desse corpo, você tem tudo isso. Você passa a ter beleza, você passa a ter é sensação, você passa a se ousar. Corpo para mim é isso, agora corpo sadio, é uma coisa diferente, é um corpo que você pode chegar e dizer eu estou com um corpo saudável, eu estou de corpo limpo, eu me sinto no caso de áurea limpa, eu me sinto de alma limpa, eu me sinto de corpo beleza, eu me sinto tudo isso porque corpo faz parte da satisfação. (Virgínia)

Vale observar que se trata da interpretação de uma pessoa que modificou as formas corporais recentemente e experimenta uma nova relação sensorial com o seu próprio corpo. Virgínia adjetiva o corpo com uma extrema sensualidade que possivelmente jamais ela tenha experimentado desta forma. Isso indica que modificar as formas corporais de um corpo pode ser traduzido como modificações também da relação de si para si. Virgínia também entrecruza o corpo saudável com o “corpo limpo”, não só das gorduras e das doenças, mas também uma limpeza da áurea e da alma.

O corpo também foi tratado por um dos entrevistados como um *bem*, “o único bem que é nosso”, e para tal exige cuidados, “valorizar e guardar”, da melhor forma possível. Nesta linha, o cuidado vai além da preservação e prevenção do corpo e passa a ser algo para preparar o corpo para um prazer sensorial: “o corpo é braço, perna, mão, você ser saudável, ser leve, ser ágil, ser disposta (...) Acho que ele tem que ser utilizado, eu acho que a flexibilidade, a agilidade, a leveza, acho que tudo isso também faz parte do corpo” (Lúcia).

Assim, corpo é corpo no seu sentido material, mas também é em seu uso e em suas sensações. Para ser corpo é preciso ser leve, ágil e flexível também. O corpo aparece nas entrevistas como, ao mesmo tempo, causa e consequência da existência. Ainda, ele se constitui enquanto tal se for saudável – que também foi associado por duas falas com o corpo limpo.

o corpo para mim é mais importante do que tudo dentro de uma casa. Não adianta você ter um som bonito ter um som potente, uma televisão, tudo que você queira um sofá confortável, você vai ficar naquele sofá, você não vai se sentir bem devido a gordura que você tenha devido a roupa que você procura no guarda-roupa que um tempo dava hoje não dá mais. Ah! Para mim, ter um corpo bonito é quase tudo (Dalva).

A fala de Dalva indica bem o deslocamento da importância do corpo para o centro da vida dos sujeitos: do que adianta várias conquistas materiais se o corpo não pode usufruir bem deles? Ou seja, o conforto material em torno da vida que vem sendo construído e conquistado ao longo dos tempos modernos não substitui um conforto que um corpo magro, leve, belo e ágil pode proporcionar. Flávio também trabalhou nesta direção, valorizando um corpo que pode proporcionar prazeres sensoriais com os usos em detrimento de aquisições materiais.

Em suma, em meio à dificuldade para expressar ou “decifrar” o que seria o corpo, os entrevistados atribuíram inúmeros sentidos e significações a ele. Chama à atenção a dimensão do cuidado que esteve presente em todas as falas. O cuidado representou uma ação contínua sobre o corpo numa espécie de culto da eficácia que visa “melhorar cada vez mais” e da “melhor forma possível” para que possa aumentar a expectativa de vida, afastando as doenças e os malefícios que possa torná-lo não funcional, ou ainda promover novas experiências corporais baseadas no prazer em si, gostar de si e se amar mais.

Logo, corpo é saúde, em um sentido amplo no qual converge entre si o corpo saudável, magro e limpo, pois afinal, como afirma Gilda “um corpo gordo não é saudável! não é...?”.

As classificações morfológicas

A antropometria é entendida como um estudo das medidas do corpo humano, seu tamanho, proporções e composições corporais. Considerada como um método simples de aplicação universal e de baixo custo, a antropometria tem sido amplamente utilizada para avaliar o estado de saúde e nutrição dos indivíduos e ainda capaz de selecionar aqueles que demandam uma atenção alimentar e nutricional e de saúde em geral (WHO, 1995).

O seu uso em classificação e comparação de medidas tem também a sua história no berço da antropologia. A antropometria foi usada nos séculos XIX e início do XX para classificar criminosos pelas características faciais (Courtine, 2005), e pelo Regime Nazista para classificar os corpos pertencentes à raça ariana distinguindo dos não-arianos, com o intuito de justificar as suas políticas raciais. No Brasil, um dos primeiros cientistas a trabalhar com a antropometria foi Raimundo Nina Rodrigues nos finais do século XIX e início do XX. Sob influências das teorias vigentes na época – as teorias eugenistas, racistas, assim como as influências nazistas, e ainda a “teoria da degenerescência” – Nina Rodrigues, apesar da sua contribuição para a compreensão da cultura africana, aponta o negro como inferior, com características “patológicas”, deficientes e degenerativas contrapondo o homem branco “civilizado”.

Todavia, já nos primeiros decênios do século XX, a antropometria começa a ser utilizada mais efetivamente para o diagnóstico da desnutrição infantil nos Estados Unidos, utilizando os grandes avanços realizados pelos estudiosos até então, e criando novos métodos diagnósticos. Nos meados dos anos de 1910, especialistas aplicaram as relações altura, peso e idade na cidade de *New York* em escolares, o que irá marcar o cerne dos métodos de avaliação do estado nutricional infantil posteriormente (Levenstein, 2003a).

No Brasil, sobretudo a partir dos anos 1930 com a identificação da fome como um problema social e também científico, especialmente na voz de Josué de Castro, o corpo do faminto começa a ser mensurado. Os meados dos anos de 1970 serão marcados por um grande inquérito nutricional da população brasileira que, juntamente com o processo de reabertura política,

tomará uma forte visibilidade social revelando as condições de vida dos brasileiros. Tais processos irão interferir nos decênios seguintes nos trabalhos da área de alimentação e nutrição com um intenso processo, quase que febril, de mensurar a fome nos corpos particularmente os corpos infantis.

Este trabalho de mensuração corporal adquire cada vez mais complexidade: novos grupos sociais se tornam alvo da avaliação nutricional – adultos, idosos, atletas e esportistas, adolescentes, e, mais recentemente, trabalhos publicados com a população indígena e os nipo-brasileiros, cada grupo com as suas especificidades de métodos, instrumentos e critérios de avaliação. Além disso, os instrumentos e técnicas estão progressivamente se sofisticando tais como a bio-impedância.

Os avanços científicos no campo da antropometria e os estudos que a relaciona com a saúde têm resultado na sua popularização: cada sujeito tem uma margem aceita cientificamente do “peso ideal”, que está associado ao corpo saudável, prevenindo doenças e prolongando a vida. Por conseguinte, imagens de um corpo humano ideal são construídas, o que leva a múltiplas representações dos corpos que estão dentro e fora do padrão estabelecido: a norma e o desvio.

Todavia, não são apenas os discursos da antropometria que alimentam o imaginário dos sujeitos para categorizar os seus corpos. Eles utilizam categorias mais amplas, entrecruzando diferentes discursos – médico, hedônico, midiático, dentre outros, mas ainda a produção de subjetividades que se relacionam nesta classificação. Nesta seção iremos interpretar como os sujeitos “diagnosticaram” os seus corpos e as suas representações.

O mundo dos magrinhos e o mundo dos gordinhos

Sempre que penso no mulato baiano vejo um homem gordo. Gordo não apenas fisicamente. Como caráter também: bom, amável, glutão, sensual, agudo de inteligência, bem falante, mas de fala mansa, sabendo tratar tão bem os inferiores quanto os superiores. Comendo comida gordurosa, cheia de azeite, mas apimentada também (Amado, 1996, p. 19).

Trata-se da descrição de um baiano “típico” traçado por Jorge Amado no *Guia da Bahia de Todos os Santos* escrito em 1945. Esta visão do gordo remonta

o trabalho que Fischler (1995) realizou na sociedade francesa, referindo-se ao paradoxo das representações do gordo, com uma imagem ambivalente. As suas entrevistas na França mostraram uma dupla imagem. De um lado, *bons vivants* que apresentam alegria, bom humor, gosto pela boa mesa e pelo convívio e, de outro, um doente, depressivo, um egoísta desenfreado ou mesmo irresponsável, sem controle de si mesmo. O primeiro é um gordo simpático e o segundo, um obeso, que só suscita a rejeição, quando não a aversão. Em suma, vários estigmas perseguem a compreensão da obesidade. O homem baiano para Jorge Amado se aproximava da primeira imagem, uma imagem “positiva” cuja descrição vai além da morfologia corporal percorrendo o caráter do baiano descrito. Aqui a aparência e essência se mesclam. Nas entrevistas, Virgínia discorreu sobre o mundo de hoje que, na sua compreensão, está dividido entre o “mundo dos magrinhos” e o “mundo dos gordinhos”:

Eu tinha a sensação de rejeição, de algo diferente da sociedade... era como se fosse dois espaços, duas barreiras, duas sociedades, a sociedade dos gordinhos e a sociedade dos magrinhos. Então era uma sensação de rejeição e uma sensação de tristeza, às vezes por não se adaptar bem na sociedade como um todo e sim uma parte da sociedade que lhe convém (...) Eu achava que as pessoas estavam falando de mim, coisas da minha cabeça, às vezes nem acontecia isso, mas eu me sentia praticamente insegura (Virgínia).

Possivelmente, a fala em relação ao corpo gordo de Virgínia se dá com mais facilidade pelo fato dela ter hoje um corpo com 12 quilos a menos, o que lhe traz uma grande satisfação, indicando que seu corpo tem uma maior aceitação social. Todos a admiram, comentam positivamente e até assumiu um papel de “consultora” por conta do sucesso. Esta divisão segregacionista em dois mundos também foi referida por João que se vinha caminhando “rumo ao mundo da obesidade”.

Ou seja, a obesidade parece se conceber como um mundo à parte, ou melhor, à margem. Interessante notar que em um contexto em que há investimentos para valorizar as diversidades – que passa necessariamente pela aceitação das diferentes corporalidades, os obesos não parecem encontrar espaços. Os corpos femininos, os corpos dos portadores de necessidades especiais, os corpos negros e os demais corpos étnicos, os corpos homossexuais buscam o reconhecimento das suas experiências corporais, tanto de forma

jurídica como também cultural. Os movimentos colocam em cena as suas estéticas corporais próprias, as suas formas de pensar, agir e exercer as corporalidades, enquanto que os corpos obesos sofrem um processo cada vez mais forte de exclusão.

Esta exclusão passa pela patologização da obesidade, não mais apenas um “fator predisponente” para outras patologias. Trata-se de uma doença em si, cuja etiologia é marcada pela multifatorialidade na qual os fatores genéticos, ambientais e comportamentais se entrecruzam. Em relação aos fatores ambientais e comportamentais, destaca-se a evolução dos modos de vida marcada pelo sedentarismo e as transformações das práticas alimentares. Estes fatores nos levam a refletir sobre a questão levantada por Fischler (1995), os obesos são culpados ou vítimas? São culpados por sua glutoneria ou vítimas de suas glândulas?

Sob o estigma da morte precoce cravado nas suas células adiposas em que se considera que o próprio obeso as depositou sobre o seu corpo com a sua glutoneria e falta de controle; seguem as visões sobre este corpo entre os entrevistados.

O gordo e o obeso

Em um estudo sobre o estado nutricional da população de Salvador, os dados de avaliação antropométrica mostraram que 26,9% dos adultos têm sobrepeso e 13,6% deles são obesos (Assis e outros, 2002). Tais dados estão em consonância com a média nacional que destaca que cerca de 40% da população brasileira se encontra acima do peso esperado².

Mas afinal o que significa ser obeso? E ser gordo? Embora freqüentemente estes dois conceitos sejam utilizados como sinônimos, eles parecem aportar algumas diferenças. A obesidade dentro do discurso científico hoje é conceituada como um acúmulo de gordura corporal em tal proporção que poderá trazer prejuízos à saúde. A principal classificação do corpo obeso hoje é realizada através do Índice de Massa Corporal (IMC) que relaciona o peso do indivíduo e a sua altura. Através do IMC, os corpos podem ser classificados em baixo peso, normal, sobrepeso e obesidade. Esta classificação é adotada pela Organização Mundial da Saúde e tem um caráter universal. No entanto, há limites como, por exemplo, a multiplicidade de morfologias corporais e de biotipos físicos existentes no mundo representam um desafio para a antropometria impor uma classificação universal baseada em uma população de referência que está ainda longe de ser representativa da população do planeta.

Já o corpo gordo pode ter uma outra interpretação. Este parece assumir outros critérios de classificação baseados na própria cultura local. Ser gordo em Salvador não necessariamente será o mesmo que em outras cidades brasileiras ou em outras cidades internacionais. Os limites de tolerância e aceitação podem ser variáveis. Evidentemente, que os critérios utilizados para classificar o corpo gordo também farão parte das culturas locais. Além disso, nem sempre as pessoas classificadas como obesas ou com sobrepeso se reconhecem enquanto tal. Vejamos, por exemplo, a fala de Ronaldo quando compara a visão do corpo gordo na sua cidade natal com a visão em Salvador:

Não havia ninguém com preocupação com a saúde e principalmente com a parte estética. Éramos todos barrigudos, todos roliços e felizes. A questão é que não é só a falta de preocupação, as pessoas normalmente costumam a sentir primeiro na pele e aí procurar ajuda (...) o fato de você está assim, com uma aparência de gordo, corado no interior (...) você estava magro, porém com saúde, mas era sinônimo de doença. Não havia preocupação em se alimentar bem e sim a preocupação em se alimentar muito. E até hoje no interior é assim, a maioria do interior é assim (Ronaldo).

Ronaldo e nem as pessoas em seu meio cultural reconheciam o corpo gordo como um problema. Muito pelo contrário, era sinônimo de saúde. A sua nova compreensão, que o levou a fazer “um tratamento”, veio a partir da emergência de problemas de saúde e também da sua ambientação com a nova cidade. Esta nova relação com o espaço urbano soteropolitano que possui outros conceitos e noções corporais transformou a sua relação com o seu próprio corpo. Ele passou a sentir-se gordo e, ao mesmo tempo, obeso no momento em que tal perspectiva significa um problema de saúde. Ou seja, o seu processo de redefinição do corpo foi também consubstanciado pelos discursos científicos.

Assim, a cidade tem um ritmo que impõe aos corpos que nela vivem e estes devem acompanhar. Pode-se também afirmar que se sentir gordo passa por um jogo relacional consigo, com o outro e com o mundo. Reconhece-se gordo quando se olha para o outro. Ter um corpo gordo significa ser gordo, um adjetivo que se substantiva, podendo até substituir o nome próprio e dá uma marca identitária à pessoa. Vejamos como Virgínia sentia isso: “...quando você vê uma gordinha na rua, o nome daquela gordinha passa a ser ‘gordinha’ ou ‘aquela gordinha’ entendeu? Eu não me sentia bem quando me chamava

pelo apelido gordinha. Eu queria ser chamada por Virgínia, não ‘aquela gordinha’” (Virgínia).

Assumindo a posição que Sara apontou anteriormente, que quando ela chega é o corpo que chega primeiro, é a forma corporal uma das primeiras dimensões sensível ao olhar. Houve também quem associasse o ser gordo com ao “sentir-se como tal” e não um resultado de uma avaliação mais objetiva: “o que eu acho é o seguinte: a palavra gordura, eu estou gorda, não é o quilo, é o que incomoda a você” (Ilda). Esta afirmativa desloca o ponto de referência do exterior para ser referência em si mesmo e suas sensações.

Ser gordo foi categorizado como uma “coisa horrível”, “a pior coisa que pode existir” e que não é possível descrever claramente: “Só a pessoa vendo, engorde um pouquinho, aí depois você me pergunta, engorde um pouquinho depois você me diz”(Flávio). O reconhecimento do outro pode ser algo difícil de escutar:

Porque as pessoas lhe olham: ‘Rapaz! Você está gordo!’ Isso física, mental é ruim você escutar um negócio desse, psicologicamente você olha assim ‘Meu Deus! Eu sou um homem vaidoso...’ e você se olhar no espelho, ‘Meu Deus! O que é isso? Você parar e você ver, Chega! Está na hora de parar aí e ‘correr atrás e ver se volta ao que era’ (...) a sensação ainda do peso é indescritível, é indescritível, não tem como dizer como é, acima do peso, muito acima do peso, você imaginar aí, não sei nem como dizer isso, é horrível, é horrível pra tudo, esteticamente é triste, não sei nem como colocar isso em palavras é muito difícil (Flávio).

O extrato acima coloca em cena os “julgamentos” dos outros e o impacto negativo nas suas vidas, constatando que ser gordo e sentir-se gordo faz parte de um campo de interação social no qual são construídas as classificações no coletivo. Só a “pessoa vendo”, ou melhor, só a pessoa sentindo e, para tal, só passando pela experiência. Poderá também provocar a experiência da vergonha de si, seja nos momentos íntimos de um casal, seja na exibição do seu corpo nos espaços públicos:

Até do momento íntimo ele, eu ficava com vergonha de me despir, só queria ficar no escuro, porque qual o homem que não quer ter sua esposa bonita? (...) então eu me sentia mesmo parecendo que o mundo tinha se acabado para mim e era horrível (Dalva).

Dalva no cotidiano “esconde” o seu corpo em roupas largas que é uma atitude criticada pelo marido e pelas amigas entendendo que a “masculiniza”. Experiência similar de vergonha também foi vivida por Pedro:

Na verdade, eu não tinha nenhuma opinião formada sobre isso porque era muito escondido, eu escondia muito o corpo. Eu não ia à praia de sunga, ia muito de short, não usava camiseta regata, sempre usava camisa de manga, não sei o porquê... Acho que era coisa mais subconsciente do que eu querendo (...) Tinha uma pontinha de querer, mas eu não me mostrava, acho que esses 8 quilos me prenderam a não me mostrar. Agora a sociedade às vezes impõe isso a você, mais eu me segurava, não me mostrava tanto quanto hoje (Pedro).

Tal atitude mudou e Pedro utiliza roupas que possam valorizar os músculos e a sua estética corporal nova. Outra diferença também é o ser gordo e ter aparência de gordo, como descreve Ilda:

Se você olhasse assim, eu não era gordinha, eu tinha praticamente oito quilos mais do que eu tenho aqui. Eu sempre tive perna grossa, sempre tive bunda, então era mais roliçinha, mas nunca fui (gordinha), porque nunca tive cintura grossa, nunca tive aspecto de gorda, nunca tive barriga, mas eu tinha braço mais grosso, perna bem mais grossa...(Ilda).

A categoria “roliça” confronta com a “estética da linha” que marca o padrão de beleza contemporâneo. Lipovsky (2000) aponta a cumplicidade da estética da linha com a arte moderna na qual uma das tendências é a rejeição da ornamentação priorizando as formas chapadas, os ângulos cubistas, as superfícies abstratas e arestas construtivistas. Aponta também a sua relação com a recusa do destino reprodutivo como signo identitário do corpo feminino.

Logo, não basta não ser magro ou emagrecer, é necessário buscar formas padronizadas. Assim, ser gordo também está associado à distribuição das partes corporais que precisam de uma certa proporcionalidade. A antropometria também se vincula a esta questão estabelecendo uma proporcionalidade referencial, a exemplo da relação cintura quadril (RCQ) que é um preditor de risco em relação às doenças cardiovasculares. Não apenas o peso é suficiente

nesta avaliação científica, é importante estabelecer o percentual da gordura corporal como também dimensionar a sua distribuição.

No entanto, a rejeição ao corpo gordo não fica apenas na rejeição da sua imagem. Os entrevistados também consideraram os limites para o uso do corpo no cotidiano. Primeiro, o sinal de cansaço a que Ronaldo se refere:

Eu trabalhava dirigindo o dia todo e o interessante é que isso até então eu ficava assim, eu me sentia muito cansado, devagar, lento para fazer as coisas, mas eu me sentia bem, embora as pessoas falavam assim ‘ah! Mas você está cansado’. Eu estava cansado, mas achava que era em virtude do meu trabalho. As pessoas que têm tendência à obesidade, têm um trabalho sedentário, elas ficam pensando sempre que é por causa do trabalho que você está naquela condição. Na verdade, *o grande culpado é você* (Ronaldo).

O cansaço, historicamente atribuída ao trabalho, vai tendo a sua origem deslocada, na visão de Cláudio, para a sua condição de obeso, em que o grande culpado é o próprio indivíduo. Há também a idéia de imobilidade e incapacidade que são percebidas ao subir escada, nos problemas que trazem às articulações, dentre outros, que limitam o exercício da corporalidade. A pessoa gorda “fica impossibilitada de fazer um bocado de coisa”.

Quando eu vejo uma pessoa gorda demais fico imaginando ‘meu Deus! Como essa pessoa consegue se movimentar, se mover com esse peso todo...’ Porque a pessoa fica, uma ‘pessoa meio inútil’, assim, ‘porque não tem aquela agilidade que uma pessoa com o corpo normal tem’. Se sentar num certo lugar numa certa posição não consegue levantar (Gustavo).

Porque traz vários problemas. Eu falo assim, problema para o coração, essas coisas assim, a gente não pode ter uma vida sedentária, tem que andar, até mesmo assim para respirar, para fazer tudo dificulta muito (Carla).

Há também a análise da inutilidade do corpo para o mundo do trabalho formal. Dalva que procura emprego reflete o quanto o corpo gordo pode ser um limitante para encontrar um trabalho não apenas por conta da possível incapacidade para o trabalho, mas também pela imagem corporal do trabalhador:

Até eu mesmo, qualquer pessoa quando chega, seja lá em uma clínica, numa firma, até para fazer uma ficha, você olha que eles não colocam aquelas mulheres obesas, nem do cabelo... Normalmente, é muito discriminada a mulher que não se cuida, principalmente assim que trabalha em recepção, sempre colocam mulher bonitinha, que a calça fique legal, uma blusa, por mais que seja inteligente, entenda do assunto, eles não vão colocar. Bota lá para dentro, vai fazer qualquer coisa, trabalhar em arquivo, vai ficar fechada lá dentro. (Dalva).

Dalva durante a sua entrevista discorreu sobre este ponto como alguém que estivesse observando atentamente o cenário do mundo do trabalho, pois também estava interessada em entrar em cena. Observava que não seria fácil conseguir com o corpo que possuía. A fala de Dalva indica a existência de um mundo do trabalho que procura “esconder” os corpos gordos nos trabalhos menos qualificados e que interajam pouco com o público em geral. Poulain (2003) já havia observado alguns estudos sobre a relação entre a obesidade e a mobilização social em que, por exemplo, o casamento funcionaria como uma espécie de triagem para a ascensão de mulheres magras assim como o desenvolvimento das carreiras profissionais também se altera a favor dos corpos magros.

Em suma, o discurso científico tem buscado instituir uma reclassificação destes corpos, dentro do processo de medicalização da obesidade: o obeso é um doente. Seu corpo excessivo, não operacional, não ágil, não é mais útil para a sociedade contemporânea e é preciso tratá-lo. É preciso reestruturar os seus comportamentos não menos patológicos: uma gula que passa a ser considerada como síndrome: síndrome de compulsão alimentar.

Assim, a visão do homem baiano, retratada por Jorge Amado, vai perdendo espaço na velha cidade da Bahia. Evidentemente, que o universo empírico aqui trabalhado não representa as múltiplas visões que pairam sobre o corpo gordo/obeso na cidade. Todavia, pode-se somar a multiplicação das academias de ginástica, inclusive nos bairros populares, os discursos que proliferam nos espaços midiáticos – incluindo a mídia local – a publicidade dos *outdoors* como uma academia que utilizou a expressão “afinamos violão”; as conversas de rua, fatos que indicam que a baiana e o baiano têm mudado as formas de ver e trabalhar sobre o seu corpo. O corpo que circula em uma cidade na qual o movimento, a velocidade ganha espaço na sua dinâmica. Assim, frente a estas representações construídas levam a uma opção: a busca do corpo magro.

O corpo magro

Um certo dia, Diana encontrou uma velha conhecida que não via fazia longas datas. De imediato notou que havia emagrecido bastante e logo exclamou: - Maria! Nossa como você emagreceu!! Me conta o que você fez?. Maria, com um semblante um pouco triste, respondeu: - Não, menina... Minha mãe teve um infarto e eu estava duas semanas no hospital com ela (Diário de campo, 2004).

O desconforto de Diana foi tamanho frente à situação constrangedora. Tal história nos traz algumas revelações. Foi-se o tempo em que emagrecer tinha uma conotação negativa – alguma doença da própria pessoa ou na família, uma decepção amorosa – na qual as pessoas sofriam, deixavam de se alimentar e perdiam peso. Perdem também espaço as expressões populares “ser magra de ruim”, “seca de ruim”, que foram largamente utilizadas no espaço soteropolitano. Esta conotação negativa perpassa pela imagem do corpo magro faminto que ainda marca o cenário brasileiro. Hoje, os esforços que eram feitos para engordar ou para não perder peso, passaram a serem substituídos pelos esforços para emagrecer. Em contrapartida, a AIDS trouxe para o cenário contemporâneo uma conotação negativa da magreza extrema como fora a tuberculose outrora. Hélio foi um jogador de futebol profissional, hoje já aposentado, lembra do seu corpo no começo da sua carreira dizendo: “eu parecia um tuberculoso, era seco demais agora você imagine!”.

Atualmente, a magreza é valorizada e buscada, mas isso não é de hoje. Vejamos no cenário soteropolitano o diálogo entre Dona Rozilda e Dona Norma, personagens de Jorge Amado no seu livro *Dona Flor e seus Dois Maridos* escrito nos meados dos anos 1960:

Parava ante dona Norma, descansava a maleta, a cesta e o pacote no chão para melhor examinar a outra, medi-la de alto a baixo, e dizer-lhe, num elogio velhaco:

- Pois, sim senhora.... Não é para lhe gabar, mas vosmicê engordou um bocado... Está bonita, moderna, gorda de fazer gosto, benza-te Deus e te livre do mau olhado...

Ajeitava a cesta de onde os caranguejos tentavam fugir, persistia renitente:

- Assim é que eu gosto: mulher que não liga para besteiras de moda...Essas que andam por ai fazendo regime para emagrecer, termina tudo tísica... Vosmicê...

- Não diga isso, dona Rozilda. E eu que pensei que estava mais magra...Fique sabendo que estou gramando um regime daqueles brabos... Cortei o jantar, tem um mês que não sei o gosto de feijão...

Dona Rozilda voltou a considerá-la com olho crítico:

- Pois não parece...

(Amado, 2002, p. 42).

Tal trecho indica como algumas representações em relação ao corpo magro e o corpo gordo se modificam na sociedade soteropolitana dos anos de 1960, assim como apresenta estratégias dietéticas utilizadas para emagrecer. Há um contraste entre duas gerações sobre o que representa ser magro, ser gordo e o emagrecer.

No contexto internacional, a valorização do corpo magro percorre todo o século XX, especialmente a partir dos anos 1920, no entanto, esteve voltado para as camadas médias e superiores. Nas camadas populares, este fenômeno se dissemina mais recentemente. Canesqui (1976), estudando a alimentação em um bairro popular no Estado de São Paulo nos meados dos anos 1970, encontrou algumas exceções de “mulheres que se consideravam gordas, preocupando-se com os regimes para o emagrecimento, expressando nesta preocupação a delgadez, tão valorizada pelas classes médias e superiores” (p. 143).

O corpo magro é a referência principal para o corpo moderno, que simboliza ao mesmo tempo saúde, bem estar e beleza. Courbeau (2002) lembra que a magreza se impõe não apenas como uma regra estética, mas como uma qualidade moral. Para ser belo e amado por todos e por si mesmo é necessário ser magro, complementa.

Os entrevistados freqüentemente relataram como sentem diferenças em ter um corpo magro tanto nas atividades diárias - ao dormir, caminhar - como também no lazer. A sensação é “indescritível”: “emagreça e depois me diga”. No entanto, há uma diferença nos relatos do corpo magro e do corpo emagrecido, conforme a observação de Alberto:

Quando eu estava mais pesado, mantive sempre um corpo mais magro, sempre tive um condicionamento físico bom antes e aí eu engordei demais. Um corpo muito acima do peso você sente a diferença durante, agora e depois. Acima do peso, depois de você ter emagrecido de novo, você percebe que você está gordo não faz o que você fazia em termo de sair, ter disposição para tudo isso (Alberto).

Diferença entre o corpo magro e o emagrecido, ou seja, quem já passou pela experiência de ter um corpo obeso apresenta interpretações diferentes de quem sempre foi magro. Emagrecer representa uma conquista, cada vez mais importante para a vida dos sujeitos, logo, as sensibilidades a este “novo corpo”, parecem ser mais aguçadas. Os próprios discursos a favor do emagrecimento ressaltam estas sensações do corpo magro. Os relatos dos que emagreceram enfatizam as vantagens para a vida, para a saúde e para a relação consigo mesmo de tal forma que excitam os indivíduos a este “novo” prazer de ser magro. Há um verdadeiro *marketing* que induz a abrir mão de outros prazeres como o prazer em comer, por exemplo. Assim, o desejo de emagrecer se desloca da própria necessidade do emagrecimento. Transforma-se, por vezes, em um objetivo em si mesmo.

O corpo magro significa dizer um corpo “enxuto”, ou seja, sem gorduras, associado à leveza, agilidade, flexibilidade, conceitos tão bem apropriados para o mundo contemporâneo. No entanto, de que corpo magro está se falando? Como se relaciona o padrão da magreza quase que anoréxica veiculada pelas imagens das modelos internacionais com o padrão do corpo da mulher brasileira? Como se relaciona com a magreza do corpo faminto ainda tão presente no cenário brasileiro e soteropolitano?

Batista Filho e Rissin (2003), discutindo a transição nutricional no Brasil, demonstraram que houve uma redução do déficit ponderal nas mulheres adultas entre 1975 e 1989, e um posterior aumento entre 1989 e 1996 nas áreas urbanas em todas as regiões, exceto a Norte. Nas áreas rurais permanece o declínio nos dois períodos, exceto do Centro-Sul, que tem um comportamento similar ao das regiões urbanas. Santos (2002a) indica que esta constatação dos autores pode abrir espaço para discutir a magnitude das práticas de emagrecimento no Brasil, tendo em vista que, do ponto de vista epidemiológico, o déficit ponderal é associado à pobreza, cujas formas corporais são determinadas pelas condições de vida. Esta é uma questão a merecer reflexão: pode-se considerar que o padrão corporal desejado pelas mulheres, aliado a uma ampliação das condições de manipular as formas corporais, esteja já interferindo no próprio padrão antropométrico da população feminina brasileira? O poder de agenciamento sobre o próprio corpo já pode ser um dado importante a ser considerado pela epidemiologia nutricional?

Sobre o significado da magreza, Santos (2002a) compara dois estudos realizados em duas capitais do Nordeste, São Luís e Salvador. Em São Luís, Tonial (2001) remarcou que as mulheres desnutridas pobres relacionam o corpo

magro com a fome, que representou a fraqueza de seus corpos para enfrentar as atividades diárias de trabalho não fazendo parte do corpo idealizado pelas mulheres. Já o corpo magro delgado nas classes mais altas representou um modelo para ser utilizado como instrumento de ascensão ou promoção social. Trata-se de um padrão corporal vinculado à estética, à conquista do parceiro, à possibilidade de seguir a moda de vestuário, às exigências de boa forma física, ao requisito de inserção no mercado de trabalho e como símbolo de status social, segundo as entrevistadas.

Em um outro trabalho desenvolvido por Freitas (2002) em camadas populares da cidade de Salvador, a autora pôde observar interpretações que se aproximam do estudo anterior. Enquanto as mulheres que vivem nas camadas médias produzem uma relação com a aparência fundada no signo do emagrecimento como uma escolha de vida, as que vivem nas camadas populares do mundo urbano utilizam o termo *light* e o emagrecimento com outros significados que não excluem em definitivo do seu desejo de consumo. A autora observa que há uma diferença de interpretações entre as gerações nas camadas populares: enquanto que para as mulheres mais jovens, ser magra significa ser *light*, “um disfarce do corpo emagrecido pela fome crônica”, uma necessidade para adquirir uma valoração social; para as mulheres com mais de trinta anos, “tanto faz ser gorda ou ser magra”. Elas estão em um mundo onde são pobres e sem oportunidades de mudar a qualidade de suas vidas. As mulheres mais velhas são as que vêem a magreza como uma fragilidade da natureza humana e não como beleza.

O corpo magro também tem o seu caráter situacional. No período das entrevistas, uma jovem moradora de um bairro popular que não fez parte do universo empírico, afirmou que ela até gostaria de ser uma Gisele Bündchen desde que ela estivesse dentro do mesmo contexto que a modelo vive. Dentro do seu bairro, ser uma Gisele não teria valor, “os homens do meu bairro gostam de carne!”, afirma. Ou seja, não significaria sucesso para a vida sentimental e para o casamento. Todavia, ela desejava emagrecer, reduzir as gorduras da região abdominal, mas não perder as formas arredondadas que marcam as características corporais do padrão “referência” da mulher brasileira e baiana.

Por fim, o corpo contemporâneo é uma referência que não se esgota em ser ‘isento’ de gorduras, mas precisa ter músculos rijos, visíveis na morfologia corporal, mas que, ao mesmo tempo, não impeça o corpo de ser flexível. Sobre esta construção do corpo rijo, João discorre sobre a sua noção de “corpo

definido”: “é você pegar no seu corpo e sentir músculo não é sentir gordura (...) Antigamente não, você pegava a pelanca, despencava, você pegava nas partes do meu corpo era assim” (João).

Desta maneira a busca do emagrecimento não significa apenas a redução de peso, significa a “redução de medidas”, a modelagem global do corpo. Emagrecer e rejuvenescer também estiveram caminhando lado a lado no discurso dos entrevistados. A idéia de “voltar ao meu peso”, ou “voltar o que era antes”, ou ainda, “ao peso que tinha quando casei” indicam uma nostalgia do corpo magro e jovem, mas também da própria juventude perdida. Os sujeitos parecem estar em busca desta juventude perdida na fonte das práticas corporais de emagrecimento.

A muscularidade e a magreza andrógina

Embora as mulheres demonstrem mais preocupação com o peso, não se pode deixar de considerar que o corpo musculoso também tem participado, cada vez mais, do universo feminino. Bordo (1997) destaca os caminhos pelos quais o corpo da mulher idealizado tem transitado para um possível “corpo andrógino” nos últimos 30 anos: a extrema magreza dos anos 1960 e o *look* mais atlético dos anos 1980 podem ser circunscritos dentro do discurso da magreza andrógina, que é marcada pela rejeição do símbolo da maternidade feminina do século XIX. Por outro lado, os homens têm também se preocupado cada vez mais com o emagrecimento dos seus corpos buscando eliminar as gorduras.

O objetivo do corpo construído, conforme visto nas entrevistas, é de reduzir a gordura corporal, particularmente a subcutânea, aliado a hipertrofia e/ou rigidez muscular. Trata-se de uma modelação corporal que João já realizou e em seu discurso se percebe um verdadeiro processo de transformação:

Transformei tudo, eu tinha os braços sem definições, abdômen sem definição. Não tinha essas marcas não tinha nada. O pescoço era gordo, não era musculoso. Aquela coisa não tinha o sabor, aquela vontade de dar risada na vida. A minha filhinha chegou para mim e disse assim: ‘Oh, papai! Eu adorava você mais gordinho’ Eu digo: ‘eu me odiava gordinho’ Pelo amor de Deus! (João).

Pedro afirmou que “o homem nunca tem limite para o corpo, quanto maior melhor” que coaduna com a menção que fez Ilda sobre uma fala de seu

sobrinho: “a vida começa após os 40 centímetros de braço”. Estas afirmações demonstram que os homens possuem uma preocupação com o seu corpo, ainda que o corpo feminino seja mais problematizado. Mansfield e McGinn (1993) chamam a atenção para a presença da corporalidade masculina nas imagens midiáticas, seja nos esportes, nos filmes, nas revistas especializadas, dentre outros veículos de divulgação. Há um processo crescente de “desnudamento” do corpo masculino assim como a afirmação do seu apelo erótico.

“Crescer músculos” é um importante aspecto da modelação corporal masculina. As relações muscularidade e masculinidade têm sido feitas em alguns estudos, marcando a conexão histórica entre músculo-poder-homem, como uma espécie de corporificação do poder nos músculos. Entretanto, a muscularidade tem tido uma multiplicidade de significados.

Bordo (1993) ressalta que os músculos têm simbolizado o poder masculino, operando como um código de naturalidade da diferença sexual. Ao mesmo tempo, eles têm sido associados ao trabalho manual e ao status proletário, como ainda têm um significado racial (o trabalho do negro escravo). Além disso, também se vinculam à animalidade, não-inteligência e insensibilidade. Atualmente, o corpo musculoso tem se tornado um ícone cultural e o exercício físico, uma atividade glamourizada e sexualizada. Tem-se tornado símbolo de correta atitude, que aproxima beleza, saúde e bem-estar. Le Breton (2002) ressalta o paradoxo no qual se tem a valorização da muscularidade – a identidade é também construída nos músculos – ao momento em que as tecnologias do trabalho substituem as atividades que exigem força. Assim, o homem gordo, que sustentava seu poder baseado no ócio como os antigos “coronéis” no Brasil, não encontra mais espaço de aceitação social.

Courtine (1995) destaca que, nos EUA, o músculo está por toda parte, ele escapou, há tempos, dos circuitos dos estádios e às cordas dos ringues, reinando sem distinção nas pequenas e grandes telas. No entanto, o autor traz importantes questionamentos sobre que relações essas imagens hipertrofiadas do corpo masculino, esta ‘supervirilização’ da aparência, mantêm com a redefinição das relações entre sexos. Estas múltiplas representações da muscularidade fizeram parte dos discursos dos entrevistados.

Esses caras fortes demais são ‘feitos de laboratório’, a gente chama de laboratório, porque toma muita droga, já fica inchado, e por aí você já tira que não tem inteligência para tal, para saber o que isso.

Musculação para ficar forte, para adquirir um bocado de mulher. Tem mulheres também que são burras porque a mulher que o cara que chama atenção de uma mulher porque é forte, é porque gosta de carne mesmo, porque quando chega para conversar, eu não o que isso vai ser! (Narciso).

Esta é a fala de Narciso, praticante de musculação. Percebe-se a idéia de que a presença exagerada de músculos pode “atrofiar o cérebro” ainda está presente no imaginário popular. Platão já alertava para os perigos do excesso da prática de atividade física como algo que poderia “aprisionar a alma”. Narciso também fez referências ligadas ao uso de anabolizantes, como o corpo ‘feito em laboratório’. Nenhum dos entrevistados mencionou utilizar anabolizantes, contudo, disseram ter amigos e colegas de academia que fazem uso e estimulam aos demais. Embora se possa afirmar que há uma disseminação do uso de anabolizantes, esta prática é difícil de ser dimensionada por ser uma prática ocultada nos discursos.

Na fala de Narciso, observa-se uma certa artificialidade dos corpos que utilizam anabolizantes. O seu uso foi considerado como “antinatura” por outros entrevistados que pensam ser melhor deixar os músculos crescerem “naturalmente”: “Não adianta você está se aplicando bomba, não adianta. Você pode crescer naturalmente. No máximo um suplementozinho alimentar a base de proteína. Eu tomo um polivitaminicozinho” (Flávio). O uso de suplementos nutricionais não apresenta a mesma interpretação do uso de anabolizantes, sendo até considerado “natural”. José que gostaria de ver os seus músculos crescerem rapidamente, faz uso de suplementos e resiste aos estímulos dos colegas para utilizar anabolizantes.

José não vive sem os suplementos protéicos. Para aumentar a sua cota de proteína ele já passou um período consumindo doze claras de ovo por dia. José ainda fez uma tipologia do corpo forte: o corpo que malha na academia, o dos sportistas e o dos utilizadores de anabolizantes. Segundo a sua fala, os três são facilmente distinguíveis: jovens que “malham” e concentram mais peso em cima, nos braços, peito, costas, não malha muita a perna, desenvolvendo mais desenvolve mais a parte de cima do corpo; os que praticam esporte e tem o “corpo todo mais dividido e mais equilibrado” e os que usam anabolizantes que ficam com um “o aspecto inchado”.

Várias outras distinções podem ser feitas se olharmos os corpos musculosos que circulam no cotidiano da cidade. Não é difícil distinguir o corpo de um

trabalhador braçal de um praticante de academia de classe média e alta, as arquiteturas musculares de acordo com as etnias. O corpo é, na afirmação de Vigarello (2003), um arquivo vivo da história, assim, a arquitetura corporal é marcada pelo seu uso cotidiano no trabalho, nas práticas esportivas, enfim, nas experiências corporais vivenciadas pelos sujeitos. Narciso ainda destacou a importância do uso do corpo musculoso por homens jovens das camadas populares com o intuito de ter “um corpo forte” que facilitará encontrar emprego como segurança: “tem gente que malha por um objetivo, para ficar forte, para fazer fisiculturismo, para disputar campeonato, mas tem gente que malha para ser segurança e realmente é aprovado” (Narciso).

Pensar sobre o que representa um corpo “bombado” na classe popular, sem tempo e dinheiro para frequentar a academia, uma droga injetável pode ajudar na sua construção da identidade: respeito no bairro em que mora, sucesso afetivo, como também profissional, pois há profissões que exigem a força física, ao menos em potencial, como a de segurança. Vale lembrar a importância da segurança privada especialmente nas capitais brasileiras. É a segurança privada que vigia os prédios, os condomínios fechados, a festa das classes médias ou ainda, em Salvador, segurando as cordas dos blocos de classe média e alta durante o Carnaval baiano que separam os corpos ricos e dos corpos pobres. Especialmente no verão soteropolitano, a segurança privada representa uma grande oportunidade de trabalho em virtude da proliferação dos eventos festivos para os baianos e particularmente para os turistas.

Todavia, tais perspectivas para a hipertrofia muscular têm limites para alguns. Flávio contou que quando ele estava com 23 anos pesava 78 quilos. Não sendo “muito alto”, sentia-se gordo “quer dizer não saia nada do meu corpo, não mostrava nada” e aquilo o incomodava. Hoje, ele “pega um pesinho” mas “não pega para ficar ‘marombeiro’, você vê que eu não sou forte, sou um cara magro”. Ser forte e ser magro é uma preocupação também de Paulo que tem muitas dúvidas de como conduzir a sua alimentação para que atenda aos dois objetivos simultaneamente. Narciso também trabalha nesta direção, malha por vaidade para ficar “sarado”, não deseja ficar “fortão” lembrando que muitas mulheres gostam de homens magros. Pedro diz que malha “não para ficar monstro, mas diferenciado do que era antes”. Compartilham também desta ideia Roberto e Alberto. Roberto prefere ter “um corpo definido. Eu não quero um corpo estranho, ‘parecendo um animal’. Eu quero um corpo definido que me dê força, que seja forte”. Já Alberto pensa que “malhar para ficar com

‘corpão’, com ‘corpaço’, estar grande isso para mim, não me atrai. Eu não acho que tenha necessidade de você ficar imenso, cheio de músculo, cheio de dobra no corpo, eu não gosto daquilo, acho feio” (Alberto).

Assim, a prática corporal para fazer “crescer o corpo”, diferenciar, delinear, definir as suas formas encontra os seus limites, caso contrário, entrará no “desvio”, no corpo “bombado”, “pocado”, “monstro”, “enorme”, “animal”. A categoria de “monstruosidade” foi utilizada tanto para o corpo obeso quanto para o corpo excessivamente musculoso. Para estes, é preferível um “corpo nem tão forte e nem tão magro”, um corpo “definido” que dê força e flexibilidade.

Do ângulo feminino, parece que a tendência seria menos a hipertrofia muscular do que a sua rigidez. A muscularidade já é uma preocupação para o universo feminino, o que pode metaforizar a sua busca pelo poder na sociedade. Mansfield e McGinn (1993) consideram que a prática do *bodybuilder* feminino é marcada por uma natureza transgressiva da mulher. Os autores questionam qual é a relação entre a muscularidade e a feminilidade e como isso afeta a relação entre a muscularidade e a masculinidade. Nos extratos acima, pôde-se notar que a rigidez das formas corporais não contrapôs o padrão construído para a mulher brasileira com “cinturinha” e um “bumbumzinho”. Assim, alinhando as formas na sua recusa da maternidade, enrijecendo os músculos incorporando algum grau do valor da virilidade e poder, o corpo feminino contemporâneo vai representando a sua condição social atual.

Já o corpo masculino contemporâneo progride no seu processo de hipertrofia muscular, mas também vão incorporando o princípio de um corpo magro, livre de gorduras, porém forte e também flexível. Além da atenção aos músculos diferir em relação à rigidez e à hipertrofia, as regiões musculares mais focalizadas também diferem em relação ao gênero: a parte superior do corpo ainda é uma preocupação mais masculina e a inferior mais feminina. Desta forma, pode-se sugerir que ainda estamos distantes da construção de uma magreza andrógina de maneira similar às diferenças pautadas nas bases da organização contemporânea entre os gêneros.

O padrão corporal da mulher brasileira contemporânea

As construções corporais femininas e masculinas e as relações com a muscularidade e adiposidade diferem do ponto de vista do gênero. Dalva observa em sua fala a preferência do homem brasileiro e baiano pelo bumbum.

Tais observações foram mais fortes nas camadas populares do que nas camadas médias, a exemplo de Suzana que afirmou gostar de ficar “magrinha com tudo no lugar. Eu gosto de ver o músculo aparecendo”. Por outro lado, comenta Telma, “o corpo não precisa disso, acho que cada um tem o seu jeito, já tem a sua estética, já tem o seu formato, não precisa ficar assim (...) ‘as pessoas não respeitam a natureza do corpo’”. As mulheres que estão na academia buscam os músculos mais rígidos que hipertrofiados. Além disso, a distribuição das partes corporais prioritárias para serem trabalhadas com a atividade física difere: os homens querem “ganhar massa muscular da cintura para cima e as mulheres, glúteos e pernas, homens malham braço, peito e costas, não pernas” como salientou José.

Pereira (2000) discutindo o mapeamento simbólico do corpo encontra na representação verticalizada do corpo humano uma escala de qualificação-desqualificação em relação à parte superior e inferior. A primeira, formada pela cabeça, tórax e membros superiores, é a parte nobre do organismo onde se localiza o pensar e fazer humano. Já a segunda, que inicia no abdômen e vai até os membros inferiores, estão as áreas de maior pudor do corpo humano, diabólica e divina, erótica, onde mistura sexualidade e reprodução. Assim, a associação da mulher com as partes inferiores e os homens com as partes superiores ainda parece persistir na geografia do espaço corporal, apesar das insistências na modelação abdominal – representativo da maternidade – e da rigidez muscular – representativo do poder viril. Sara teceu severas críticas ao padrão corporal em vigência indicando a preferência pelo padrão da mulher brasileira, afirmando ainda que “essa coisa de magreza hoje é coisa de status de dinheiro”.

Eu quando eu vejo um desfile, por exemplo, eu acho que, como a maioria das mulheres também, eu fico olhando. Eu acho horrível na verdade aquela coisa de padrão de magreza, eu acho horrível como pode ser assim tão magra, tão... isso é beleza? Mas por outro lado, tem o dinheiro que compensa. Elas são obrigadas a permanecerem nesse padrão porque elas são pagas para isso (Sara).

A extensão das críticas de Sara em relação ao padrão de magreza para a cidade de Salvador não é possível dimensionar, o fato é que elas existem. A nível nacional, há um importante contingente de celebridades famosas consideradas ícones de beleza que apresentam as formas corporais arredondadas oriundas do clássico padrão de referência da mulher brasileira. O discurso de Sara mostra que ela

observa os corpos, critica-os como ainda seleciona o que ela desejaria a exemplo da “barriga de tábua”, no entanto, não dispensa valorizar as formas do seu quadril e das suas pernas. Além disso, ela encontra uma razão para justificar a popularidade do padrão de magreza: “o dinheiro que compensa”. Sara ainda revelou como outras duas entrevistadas, que desejaria fazer uma cirurgia para reduzir os seios em plena era do silicone.

Observou-se então que o desejo de emagrecer não parece conflitar com os clássicos padrões da mulher brasileira. Vale lembrar que não é de hoje que as mulheres buscam se “adequar” a um padrão de beleza. O padrão de beleza considerado da mulher brasileira, a beleza mulata, a beleza da garota de Ipanema repleta de sensualidade ao caminhar nas praias cariocas se tornaram ícones que foram construídos, se difundiram pelo mundo, mas que, de fato, não representam as diversidades corporais femininas existentes no Brasil. A complexa miscigenação entre as diversidades das morfologias corporais indígenas, das africanas e das européias compõe um amplo universo de corpos brasileiros. As mulheres brasileiras sempre procuraram com as tecnologias disponíveis de cada época se adequar ao padrão vigente.

Todavia, o padrão clássico de beleza da mulher brasileira tem sido revisitado³. Por exemplo, não se pode confundir o significado das pernas grossas e roliças da famosa vedete Virgínia Lane dos anos 1950, com as pernas grossas e musculosas da dançarina Sheila Carvalho nos anos 1990, por exemplo. Os novos quadris não suportam as duas polegadas a mais que apresentava Martha Rocha, a morena baiana de olhos verdes, e que a fizeram perder o título de Miss Universo nos anos 1950. Este padrão contemporâneo também não contradiz com os seios contornados com quotas generosas de silicone⁴. Nos meados dos anos 1990, a participação do corpo de personalidades como Sheila Melo, Sheila Carvalho, Carla Perez ou ainda “A Feiticeira” e a “Tiazinha”, foi relevante no cenário brasileiro representando um padrão moderno de beleza brasileira, tornando ícones, especialmente das praticantes de academia. Hoje ainda, especialmente nas telenovelas, lançam padrões de beleza que se populariza a exemplo da beleza exótica e miscigenada da atriz Juliana Paes cuja fama pode indicar uma resistência ao padrão retilíneo ou a própria idéia de padrão único.

Em suma, sugere-se que há uma construção de um novo padrão de beleza da mulher brasileira que incorpora elementos mundializados, a exemplo do uso de silicone nos seios e a importância dada aos músculos que são mais utilizados

para otimizar regiões corporais tradicionalmente valorizadas. As formas roliças dada pelo depósito de gorduras em determinadas regiões do corpo são substituídas pela definição da muscularidade. O global e local dialogam e recriam os corpos.

No entanto, críticas foram feitas a Carla Perez por ter feito uma série de cirurgias que modificaram as suas formas corporais “naturais”:

Para mim, ela tinha um corpo bonito, hoje ela está toda esculpida, mexeu no corpo todo e é um corpo todo lapidado. Roseane não, ela tem aquele corpão dela ‘de natureza’. Acho que deve fazer academia, claro, pela profissão que ela tem, mas ela tinha os seios pequenos (...) mas Carla Perez está toda mudada, ela mexeu no nariz, o ser humano sempre quer mudar, sempre não está acostumado com o que tem, agora, eu acho que ela exagerou muito (diz enfática), ela está toda deformada, o corpo dela não está legal. A mulher está procurando cada vez mais se afinar (...) Para mim mulher bonita é Roseane e Valéria Vanessa (Telma).

Roseane, citada no extrato, é uma dançarina baiana que ficou no segundo lugar no concurso que elegeu Sheila Carvalho para o grupo “É o Tchan”. Uma mulata de formas avantajadas tal como o modelo de mulata tradicional, como a própria dançarina Valéria Vanessa, a ex-”Globeleza”, também citada. Contudo, Roseane também já passou por uma lipoescultura, “modernizando” as suas formas corporais.

Nas entrevistas observações também foram feitas sobre a estética corporal popular feminina realizada por Marcela. Ela tem dois anos morando no bairro e observa como as mulheres se vestem e se portam, tecendo suas críticas:

Eu acho isso assim tão eclético porque, por exemplo, tem muita gente aí não está ligando para esse padrão de beleza. Eu tiro assim pelo bairro aqui onde eu moro, é um bairro de pessoas pobres, um bairro muito popular, tem muita gente, é incrível, se você reparar, a maioria é gorda mesmo, têm estômago alto e elas têm aquela coisa assim de se vestir como se não tivesse aquele corpo, ou seja, é como se elas desejassem ter um outro corpo. (Marcela).

Por fim, estas breves notas sobre o corpo da mulher brasileira buscam ressaltar as mudanças no próprio padrão que nem se mantém o mesmo e nem segue às regras mais universais. Constroem-se padrões e, como efeito, “contra-padrões”. A Empresa Dove, por exemplo, lançou a *Campaign for Real Beauty*

com a mensagem de que “cada mulher tem na pele uma história”, conclamando adeptas para contrapor o padrão de beleza único. A empresa difunde campanhas publicitárias exibindo corpos fora do padrão corporal esperado com a visibilidade das gorduras, marcas e cicatrizes, dentre outras características, que, em tese, deveriam ser anuladas, camufladas ou não exibidas. Do ponto de vista dos sujeitos, estes, em certa medida, também selecionam o padrão que lhes convêm, como demonstrou Sara, indicando uma reflexividade sobre os mesmos, que distancia da idéia de uma mera “imposição” dos padrões de beleza. Esta imposição geralmente é atribuída à mídia que parece assumir uma feição quase que diabólica e homogênea nas suas mensagens.

É interessante ainda notar que três entrevistadas oriundas de classe popular, revelaram o desejo de fazer cirurgia para reduzir os seios, em plena era dos seios ‘turbinados’ pelo silicone, o que pode reforçar que a construção deste novo corpo moderno brasileiro tem seus limites de acordo com o padrão mais universal.

Outras taxionomias corporais

A idéia de classificar, descrever o corpo é histórica: a divisão corpo e alma, interior e exterior, em três cavidades – craniana, torácica e abdominal – e extremidades, em composições teciduais e outras tantas construídas representam tentativas de leituras para explicar e compreender o corpo. Mandressi (2005) chama a atenção para estas diferentes formas de leituras que vão se imbricando à medida que vão se acumulando ao longo do tempo. A retomada da dissecação anatômica e a emergência de um novo saber sobre o corpo fornecem uma série de formas de categorização obedecendo aos princípios científicos da época como, por exemplo, a descrição de cima para baixo, do simples para o complexo, do aberto ao fechado. A decomposição do corpo em partes se traduz em um modo de fragmentação em que se situava o projeto da narrativa anatômica; partes que logo irão se engendrar para conceber a idéia da máquina humana. Este processo, por fim, aporta uma complexa gramática de representações.

No imaginário dos sujeitos, estas classificações penetram e se fundem com outras – por exemplo, as oriundas do discurso religioso ou místico – e com este arsenal eles reinterpretam e constroem as suas próprias classificações corporais. Seguem algumas delas realizadas com base nestes discursos bem

como as problematizações de determinados aspectos considerados mais relevantes para o estudo em questão.

O corpo em partes: a barriga como epicentro

Conforme já referido anteriormente, parece que as mulheres, em termos gerais, preferem a rigidez muscular à hipertrofia dos músculos e ainda, mesmo que as mulheres desejem ganhar massa muscular, elas não focam nas mesmas partes que os homens. Para José, as mulheres trabalham mais as partes inferiores – abdômen e pernas – e os homens as superiores – braços e tronco, peitoral. No entanto, há um ponto de consenso entre os dois gêneros que é a região do abdômen, a popular “barriga”.

Esta que já fora símbolo de status e de poder dos coronéis ostentando o ócio e a dominação, hoje é completamente rejeitada, e para as mulheres, a região que mais simboliza a maternidade. A imagem da barriga em dobras, com toda a sua flacidez, tornou-se insuportável, algo estranho ao corpo que deve ser eliminado. É ela que aparece em primeiro lugar “a mulher quando chega em qualquer lugar, a primeira coisa que olha quando você senta. Ressai logo, antes de olhar para a sua fisionomia é para barriguinha” como destacou Dalva. Esta interessante afirmação pode até colocar em cheque a supremacia da fisionomia do rosto na definição da beleza como também da identidade.

A barriga não somente representa o símbolo da obesidade, mas também o sensor de que as coisas estão mudando:

Você olha para o seu corpo, você vê que não é aquilo, ‘Pô! Nunca tive barriga!’. Você olha para barriga e ver a barriga *nascendo*, aquela barriga já dos velhinhos aposentados na porta de bar tomando cervejinha e jogando dominó. Aquela velha barriguinha ‘aparecendo’ e você ver aquilo ‘crescendo’ nunca teve. (Alberto).

A idéia da barriga que “nasce” ou da barriga que “cresce”, tem, junto a ela, um símbolo de decadência, da perda da juventude, a decadência representada pelos “velhinhos na porta de bar tomando cervejinha e jogando dominó”. Uma imagem da velhice que já não se quer mais ter. Em seu lugar, uma velhice ativa e “atletica”. Não tem mais idade para trabalhar o corpo e para travar uma batalha contra a barriga. Talvez ela não precise ser “toda dividida”, como afirmou Telma, ou deseje mesmo ser como uma “tábua”

como prefere Suzana, ou ainda “esculpida” como as das celebridades, mas ela é um motivador de mudanças. Telma disse que não desistiu de tirá-la, enquanto Pedro disse que deixou de se ‘estressar’ tanto com ela.

Do ponto de vista científico, a luta contra a barriga é árdua para aqueles que querem modelar o corpo. É possível o indivíduo alcançar o emagrecimento, porém é comum a manutenção do acúmulo lipídico na região abdominal, um acúmulo que aumenta com o avançar da idade. O exercício físico e a dieta são capazes de promover uma perda do percentual de gordura corporal, mas não é possível especificar as áreas. A área de educação física discute o papel dos exercícios abdominais que, embora promovam um enrijecimento dos músculos da região, eles parecem ser pouco efetivos para a perda da gordura local. A ciência, do ponto de vista da saúde, também discute os perigos da circunferência abdominal. A relação circunferência cintura e quadril pode indicar um risco para doenças coronarianas que irá contribuir de certa forma para esta “abdomenofobia”.

Já a mídia explora a imagem da barriga de diferentes formas: exhibe imagens da região abdominal nas capas das revistas, na Internet, nos *outdoors*, produz material específico com exercícios e dietas direcionadas para “tirar a barriga”, para “reduzir medidas”. A barriga é algo para ser “tirado”, excluído do corpo, ou ao menos reduzido. A preocupação com as gorduras localizadas na barriga parece disputar o foco que as mulheres brasileiras historicamente centram nos glúteos.

Não sendo possível modelar com dietas e exercícios físicos, resta a opção da lipoaspiração, prática cirúrgica cada vez mais popularizada. As entrevistas apontaram para uma tendência a redução do temor em relação às cirurgias plásticas e a ampliação do desejo em fazer mesmo nas camadas populares. Torna-se um desejo de consumo.

O corpo em camadas: a lipofobia saúda a “musculatria”

Um corpo em “camadas”: pele, gordura subcutânea, músculo esquelético, sangue, ossos e os componentes viscerais; traz uma visão anatômica que disseca o corpo como uma boneca russa rumo ao seu interior. Para a antropometria, a compreensão dos níveis de composição corporal se tornou fundamental para os seus avanços científicos, utilizando diferentes níveis de composição que vão desde o nível atômico – água, carbono, nitrogênio etc. – ao corpo como um todo (World ... 1995). Um elemento importante é a divisão da massa magra, que engloba todos os compartimentos corporais, exceto a gordura; e a massa

gorda. Aqui centraremos em duas delas que adquirem uma “visibilidade” na construção do corpo contemporâneo: os músculos – que seria o músculo esquelético – e as gorduras – que seria a gordura subcutânea e a gordura circulante. Estas duas camadas parecem estar dividindo a atenção historicamente dada à pele na aparência corporal.

Como está sendo discutido no transcorrer deste texto, há uma relação contraditória entre as gorduras e os músculos: uma “encobre o corpo” e, portanto, não é desejada, e a outra deve ser exibida. Parece haver uma guerra entre estas duas categorias, uma batalha entre o bem e o mal. Os discursos em relação à exibição dos músculos, que devem ser mostrados, definidos e delineados, parecem se referir a algo quase que visto a olho nu. Desta maneira, exibir o corpo é mais do que desnudá-lo das suas vestes, é também desnudá-los das gorduras possibilitando exibir os músculos. É nos músculos que também tem sido construída a identidade dos corpos contemporâneos como afirma Le Breton (2003). Conforme já referido anteriormente, das representações oriundas do trabalho pesado, escravo, braçal, visão de animalidade e de brutalidade, e ainda do erotismo, atualmente a muscularidade assume a atitude correta e saudável de trabalhar o corpo.

A gordura corporal já teve uma imagem positiva vinculada à função da gordura protetora subcutânea contra as agressões, frio, sol e idade; como ainda de uma reserva energética para os períodos de penúria alimentar. Nesta perspectiva, alimentar-se poderia ter a função de não só atender as necessidades do organismo no plano mais imediato, mas também proporcionar a construção de uma reserva energética, uma segurança futura para o organismo. Evidentemente, tal perspectiva influenciaria a própria imagem corporal aceita socialmente. Um corpo que exhibe reservas energéticas sob forma de gordura subcutânea aparente estaria mais associado a um status social. Contudo, tais imagens têm sido progressivamente modificadas. A gordura corporal está mais associada a um signo de ineficácia social não sendo mais aceita na escultura morfológica dos corpos (Courbeau, 2004).

Na fala dos entrevistados, a imagem da gordura corporal pode ser classificada em duas categorias: a gordura interna circulante nas artérias e veias e a gordura subcutânea, aquela que encobre o corpo. A gordura interna está mais relacionada com a questão da saúde e a metáfora do “entupimento” como se pode observar no seguinte extrato:

...às vezes lá em casa joga gordura na pia e de repente entope. Ai joga soda cáustica para desentupir (...) imagine! Aquela gordura que você se alimentou, está lavando, entope um tubo imagine dentro da gente? que é a mesma gordura? Você está comendo gordura, você está sentado, você não está se movimentando comendo uma coisa e tal, e de repente entope e para você ter problema no coração não precisa ser só cardíaco não! Tem gordura entupiu aquela veia ali, vai embora...(Hélio).

Hélio, que afirmou ter medo de morrer, utiliza uma analogia entre a gordura que entope a pia e a gordura que entope as artérias construindo na sua fala as imagens deste movimento no interior do seu corpo, melhor, no interior das suas artérias. A gordura foi considerada por outro entrevistado como “a pior coisa que pode existir dentro do organismo do ser humano” como uma “causadora de uma infinidade de coisas ruins para o corpo”. Segue afirmando que é “aquela coisa que entope vasos, entope artérias, provoca isso, provoca aquilo, não é benéfica”. A gordura também foi considerada como algo que pode levar à morte. Gustavo recorda que perdeu uma pessoa muito importante na sua vida “por causa da gordura”: “ele era muito gordo e não cuidava muito do hábito alimentar dele e acabou morrendo por causa da gordura, as artérias dele entupiram”.

A imagem do entupimento pode ser relacionada a algo que impede a fluidez dos líquidos corpóreos dentro de uma sociedade em que o valor do movimento prepondera. Não flui, não circula, não purifica. Se antes a idéia das purificações do corpo estava vinculada aos dejetos orgânicos, hoje as gorduras assumem esta posição “denunciando os *stokages* e não os apodrecimentos” como assinala Vigarello (1999). As gorduras não devem mais ser depositadas nos espaços íntimos dos corpos, torna-se um “corpo estranho”, um *obstáculo* que causa aversão, que se infiltra, invade, entope e pode até “estourar”.

Sennett (2003) destaca a importância da descoberta de Willian Harvey, em 1628, sobre a circulação sanguínea. Provocou uma revolução científica que mudou a compreensão do corpo e as suas analogias com as compreensões do mercado livre no capitalismo moderno que emergia. Adam Smith foi um dos primeiros a utilizar as descobertas de Harvey como metáforas para a sua análise econômica sobre a circulação de bens e dinheiro. Assim também o foi para as reformas urbanísticas com as aberturas de vias, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas. O sangue assume uma importância vital para a

compreensão da vida mais do que o próprio coração. É ele que circula, transporta e garante o crescimento de cada tecido e órgão. Múltiplas metáforas vieram em relação ao sangue em torno do seu fortalecimento e limpeza.

As descobertas em relação às taxas sanguíneas do colesterol e a sua relação com as doenças coronarianas trazem esta nova perspectiva de “limpeza”, como já mencionado acima, das vias que obstruem coincidindo com os rumos do capitalismo e a sua política neoliberal. Percorre a idéia de que o Estado e suas políticas sociais se transformaram em obstáculos para o desenvolvimento econômico e, portanto, devem ser eliminados. Os governos, assim como as empresas privadas na era neoliberal, devem estar mais “leves”, ágeis e flexíveis, e, para tanto, a lógica é cortar excessos, gastos, acúmulos sem utilidade. Devem ser “enxutas”, assim como o corpo que deve ser “enxuto”. A metáfora “cortar gorduras” ou “excessos” é uma constante nos discursos políticos atuais.

Assim, as imagens da gordura interna estão mais próximas da saúde, criadas a partir de uma virtualidade que marca as representações internas do corpo. Notou-se que a preocupação com a gordura interna em relação à subcutânea aumentou na medida em que a idade dos entrevistados avançava. Parece diferir das imagens da gordura subcutânea, camada mediada pelos músculos e pele, e que apresenta um certo grau de sensibilidade quase que visual e tátil: “a gordura é mole” ou “é uma coisa fofa” vista como algo “feio” ou “horrível!!”, que causa “deformidade” no corpo: “Gordura é minha barriga, minha barriga está cheia de gordura, ela significa deformidade”, afirma Alberto, ou ainda, “gordura é um complemento que ajuda a modificar o corpo desejado” para Virgínia.

As maiores expressões de visibilidade das “deformidades” corporais que as gorduras subcutâneas provocam parecem ser a barriga, mais uma vez, e a celulite. Estas foram intensamente citadas quando se referiam a gordura, com toda a sua flacidez e exuberância, indicado pelas noções de “gordura acumulada” e “gordura localizada”: “Eu imagino aquilo entrando direto na minha bunda, toda vez que eu como uma coisa muito gordurosa, eu, meu Deus do céu, está aqui direto na minha barriga (...) umas banhinhas dobrando cheia de celulite na barriga, eu não gosto não!” (Suzana). Vejamos uma descrição bem radical de Narciso:

A mulher passa por você dá tchau aquele negócio no braço deste tamanho se balançando todo, se tremendo todo, parecendo uma geléia assim, o cara correndo assim, a barriga tremendo para cima e para baixo. Uma menina bonita de rosto que simpática demais, linda!

Mas quando você vê o corpo de biquíni na praia é quadrada, é redonda, é enorme de gorda (...) é uma coisa feia, uma coisa chata (Narciso).

A idéia de “deformidade”, algo “feio” e “chato” – não só percebida pelos discursos, mas pelos gestos faciais de rejeição – foi recorrente nas entrevistas assim como a de “incômodo: “mas a gordura incomoda realmente incomoda em todos os sentidos, mas têm pessoas que está nem aí...”. Tais incômodos podem ser tanto associados à questão funcional do corpo para as suas atividades diárias, quanto ao incômodo de uma aparência não agradável na qual as roupas não cabem. Foi expressiva a associação da gordura e aparência da roupa. As roupas por vezes aparecem como o instrumento de avaliação das dimensões corporais assim como de satisfação quando se alcança o emagrecimento, traduzida no “caimento da roupa” e a maior liberdade de escolhas do que vestir. Veremos este ponto mais adiante.

A idéia de incômodo também pode ser associada ao sentir o corpo pesado, na idéia de um “fardo”: “quando eu corro me incomoda” ou ainda: “Ave Maria! É horrível! Você está dormindo, fica pesando, para andar fica pesando, veste uma roupa fica feia, tudo isso fica difícil” (Maria). O corpo repleto de gordura é um fardo inconveniente que prejudica a imagem, o movimento, sua livre expressão e liberdade. Combina bem com uma outra conotação expressa que é a do *excesso*, algo que “passou do limite”, daquele que “come além das calorias necessárias”. “Para mim é excesso. Eu vejo gordura como excesso, é a tradução total para mim da gordura” (Marta). Ou ainda para Carla: “A celulite também é excesso de gordura”, uma gordura que deforma o corpo.

Uma última conotação está associada ao comportamento de si para si no que tange às gorduras: “sabe o que eu acho? ‘Negligência’, negligência pura, só é gordo quem quer, na maioria dos casos...”, ligada a alguém “que não gosta de si, sabe que não pode comer as coisas e come de gaiato, come de ousado, por usura” sendo esta última uma afirmação de Narciso.

Tais afirmativas corroboram com o estudo de Fischler (1995) na população francesa que considerou que os obesos são vistos como os únicos culpados de sua condição: eles são gordos, porque comem muito e não são capazes de se controlar. São considerados transgressores, que parecem violar constantemente as regras que governam o comer, o prazer, o trabalho e o esforço, a vontade e o controle de si.

Sendo a gordura ora representada como uma deformidade, um incômodo, um fardo, um excesso, ou uma negligência, ou ainda um obstáculo, resta desviar-se dela, pois, para Cláudio, ela representa “tudo que eu não quero hoje!”, ou para Virgínia: “Bom, gordura para mim, virou uma obsessão, não! Como eu posso dizer, uma aversão, um ‘bicho papão’ na minha vida praticamente..”. Virgínia sem hesitações reconstruiu o seu pensar sobre a gordura que já foi para ela tão tolerada sem maiores incômodos ao menos conscientemente.

Estas novas sensibilidades em torno das gorduras e músculos também modificam os próprios conceitos de emagrecimento. Este não representa necessariamente reduzir o peso e sim modificar a composição corporal: aumentar a massa magra e diminuir a gordura.

O corpo externo e interno: o destino do estômago

Certamente, as visibilidades orgânicas do interior do corpo ao longo dos últimos séculos têm modificado as sensibilidades e percepções do corpo íntimo. Do lugar onde reside a alma, depois interceptada pelos bisturis dos anatomistas sobre os cadáveres descobrindo os órgãos internos, à reprodução das imagens internas do corpo vivo, graças aos avanços tecnológicos na área médica; os sujeitos vão criando novas relações entre o exterior e o interior do corpo. Silibia (2003) traz a noção da endocolonização de Paul Virilio para caracterizar um processo de inserção subcutânea de componentes não-orgânicos, hibridizando os corpos com materiais inertes facilitados pela tecnociência contemporânea. Esta conquista do espaço interno do organismo humano via um largo aparato de videoscopia, ressonâncias magnéticas, ultra-sonografias, ecografias, *scanners*, cirurgias sem cortes através da inserção de dispositivos nano-tecnológicos, técnicas mais sutis que reduzem a agressividade dos bisturis e suavizam o espetáculo cirúrgico; tem interferindo na percepção dos limites tradicionalmente estabelecidos entre o corpo real e o corpo virtual. O corpo pode passar também a ser a sua própria imagem (Levy, 1996; Le Breton, 2003).

As discussões anteriormente realizadas sobre o conflito aparência e essência, sobre as camadas corporais, tendo em particular a questão da visibilidade emergente dos músculos e do tecido adiposo; também se emolduram nesta relação “dentro” e “fora”. Um aspecto que foi observado no discurso dos entrevistados é que a preocupação com o interior do corpo, seja qual for o

sentido – seja quanto à “essência” do ser humano ou o acúmulo das gorduras nas artérias –, parece avançar à medida que avança a idade. Parece ser no interior que se busca a fonte da juventude, da energia vital, para ser renovada. Observando os tratamentos cosméticos e a sua publicidade, explora-se a imagem de uma descamação da pele para deixar brotar uma nova pele, renovada, com o frescor juvenil, vinda do interior.

É no avançar da idade que as preocupações como as doenças em particular as cardiovasculares, se apresentam, embora houve ações dos mais jovens pensando em controlar o futuro. Os entrevistados exploraram o imaginário da circulação como uma ação de colocar o corpo em movimento produzindo energia para viver, como também uma ação de limpeza do organismo. Limpando as artérias, se limpa o corpo, afasta as doenças e prolonga a vida.

No processo de construção de um corpo magro, há um órgão interno que adquire novas conotações expressas tanto na ciência como na arte e, evidentemente, para os sujeitos: o estômago. Múltiplas denominações estão associadas a ele, por vezes utilizadas como sinônimos que vão desde a barriga, abdômen ou ventre, até o mais popular “bucho” ou “pança”. Seja o termo que for utilizado, o estômago e a sua cavidade tem produzido múltiplas metáforas e significados ao longo da história.

Primeiro, pode-se pensar o duplo sentido do ventre: o ventre digestivo e o ventre reprodutor, que se dividirá em dois receptáculos centrais da manutenção e perpetuação das espécies: o estômago e o útero, respectivamente, compondo o binômio do qual, segundo Cascudo (2004), decorre toda a existência humana. Considerado o local das necessidades vitais, tem-se a imagem do estômago como uma cavidade na qual habita uma fera, devoradora e insaciável, que deve ser domada, buscando as imagens platônicas (Korsmeyer, 2002). O estômago então visto como lugar das paixões e apetites inferiores, um nível mais primitivo se comparado com outras cavidades a exemplo da craniana. O diafragma se responsabiliza por esta divisão do corpo interno em superior e inferior.

Este local de passagem, de reserva e de metamorfoses de substâncias que vêm do mundo exterior, os alimentos, tem uma relação análoga a uma usina. As metáforas do ventre associadas às feiras e mercados são freqüentemente apontadas na literatura – a exemplo do romance *Le Ventre de Paris*, de Émile Zola –, e na economia como faz referência Richard Sennett no livro *A Carne e Pedra*. O próprio termo “consumidor” representa uma metáfora do estômago, como lembra Ortiz (2003). A aproximação dos pecados da gula e da avareza

faz com que o estômago se associe à economia e ao mercado, no qual ambos já buscaram a acumulação e hoje mais a uma circulação. No estômago é também onde múltiplas sensações são percebidas, seja de fome ou de plenitude, como também são sensíveis às mudanças do mundo moderno. As patologias de câncer no estômago são causas importantes de morbimortalidade, como ainda as gastrites e úlceras e as sensações de dor, ardor, azia, como sinais historicamente associados ao stress do mundo contemporâneo. Ainda é o lugar onde se localizam sentimentos como a raiva e cólera e lugar das rejeições como indica a expressão “não tenho estômago para isso”, ou seja, não tolera situações desagradáveis.

No discurso médico, o estômago é um órgão que faz parte do aparelho digestivo, situado entre o esôfago e o duodeno, na região abdominal, e é um dos principais locais da digestão. O aparelho digestivo guarda no imaginário a noção de tubo – é também denominado de tubo digestivo – no qual o estômago é a porção mais dilatada e de grande elasticidade. O estômago pode ser ainda visto como uma espécie de prolongamento da pele para o interior da boca, uma vez que faz ainda contato com o mundo externo. A sua visibilidade se populariza pela tecnociência. Através dos exames endoscópicos, os sujeitos têm a possibilidade de ver além das representações de um estômago criado pela arte ou de uma imagem anônima e sim o seu próprio estômago em vida.

No contexto contemporâneo, o estômago é um espaço onde se trava uma árdua batalha contra a fome que, não perdendo as suas conotações morais, se acentua as conotações médicas e estéticas. É na arena estomacal o local onde se trava a batalha contra a fome em que vale tudo desde suportá-la, indicando a batalha entre o estômago e o cérebro, conforme mencionado por um entrevistado, a idéia de “enganar a fome”, ou “enganar o estômago” ingerindo líquidos ou alimentos de baixa caloria, até os processos cirúrgicos. A gastrectomia tem se popularizado. Houve referências nas entrevistas como se este fosse uma atitude correta para controlar a vontade de comer.

Ao estômago também é atribuída a noção de leveza. A idéia de “comer até encher” provocando um “gozo estomacal”, conforme foi relatado por um sujeito com obesidade sobre as suas maneiras de comer e os prazeres que sente quando o estômago está dilatado pelo bolo alimentar, vai perdendo terreno no universo corporal. Preconiza-se a ingestão de alimentos e refeições leves, fáceis de digerir, em uma medida para sentir-se “satisfeito” e não “empanturrado”. Divulgam-se os benefícios da leveza do estômago, mantendo

um trabalho contínuo pelo aumento do número de refeições por dia que não impede a mobilidade do corpo, a sonolência sem a necessidade da *siesta*.

Assim, o espaço estomacal se firma menos como um receptáculo do que um espaço de passagem. As suas dimensões vão se tornando “obsoletas” a ponto de serem reduzidas pelas tecnologias, ou seja, a natureza precisa ser corrigida para adequar-se ao mundo contemporâneo. De acordo com os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica (SBCB), as cirurgias para redução do estômago cresceram 233% nos últimos dois anos no País, sendo este aumento muito mais importante nas instituições privadas do que pelo Sistema Único de Saúde (SUS), onde há uma demanda reprimida, frente aos 1,5 milhão de obesos mórbidos existentes no país. As cirurgias têm sido feitas também em adolescentes e idosos. Soma-se a isso, também produzidas pelos avanços tecnológicos, as formas alimentares que dispensam a boca e o estômago e até todo o sistema digestivo como a alimentação enteral, parenteral e intravenosa que são utilizadas no âmbito hospitalar – inclusive por portadoras de anorexia nervosa.

No imaginário do homem pós-orgânico poderia imaginar “o homem sem estômago”. Couto (2004) mencionou em um Seminário performances artísticas que utilizavam o estômago como objeto de arte, o que dá indícios da possibilidade de perda futura da sua função orgânica.

O corpo em movimento

As práticas corporais em Salvador: trabalho, lazer e atividade física

Os traços, ao menos no senso comum, das “práticas corporais dos baianos” no cotidiano são bem marcantes. Um povo de fala mansa, caminhar não apressado, o descanso na rede, a “malemolência” são imagens bem divulgadas sobre o *way of life* soteropolitano. Fora o carnaval e as festas populares, o baiano no imaginário brasileiro ainda persiste a idéia da não afeição ao trabalho, o “culto ao ócio”. Embora merecesse uma reflexão sobre as origens de tais imagens e o quanto que elas correspondem à realidade, faremos um salto para a Salvador contemporânea, uma cidade que impera o desejo de se modernizar conforme já discutido no capítulo II. Vejamos rapidamente alguns elementos úteis para esta análise.

O “trabalho” em Salvador historicamente marcado pelos três séculos de trabalho escravo só vai conhecer mais claramente o trabalho assalariado nos meados do século XX, com a criação da Petrobrás e outros empreendimentos industriais. A partir deste período, os soteropolitanos tiveram como desafio redirecionarem as suas disciplinas corporais para instituir esta nova modalidade de trabalho.

As imagens popularizadas do ser baiano soteropolitano envolvem uma negação do valor moral do trabalho e a festa como um valor positivo na sua corporalidade e construção identitária. Desde os meados do século XIX, a Europa já havia identificado a fadiga, no lugar da indolência, como causa primária da resistência ao trabalho. Em outras palavras, havia migrado de uma conotação moral para uma conotação médico-higienista na construção desta causalidade (Rabinbach, 1992). Entretanto, no Brasil, a indolência ainda reina, ao menos para os baianos no imaginário social, quando se trata do trabalho e da produtividade. A indolência como uma falta de qualidade moral que confere ao ócio - que já foi nobre e superior em diferentes culturas - uma causa primária de todos os males até os meados do século XIX.

A conotação negativa da indolência era representada de diferentes formas seja na literatura, seja nos escritos médicos: como inimigo da alma, vinculada a imagem da selvageria e da raça não civilizada, como ainda bem útil para o contexto brasileiro, a associação com o clima quente, e ainda causa de infinitas enfermidades físicas. Contrapõem-se as duas ordens: a ordem do trabalho com sua regularidade e procedimentos racionais e a ordem da indolência com um desdém para autodisciplina e não afeição ao labor, marca dos valores aristocráticos. A disciplina monástica ganhou as ruas fabris impondo o tempo cronológico aos corpos, como também a sua sincronia mensurada. Posteriormente, ainda condenando a indolência, a ciência reconhece os efeitos destrutivos da sobrecarga de trabalho, momento em que as descobertas sobre a fadiga e a energia entram em cena revolucionando as formas de conceber o trabalho e a produtividade do motor humano (Rabinbach, 1992).

O prazer pelo ócio se confunde com a indolência e a preguiça. Uma não afeição ao trabalho pode não representar necessariamente a indolência. Pode representar uma resistência. Uma resistência para aqueles que preferem construir a sua identidade no ócio e no culto dos prazeres. Entender as imagens figurativas da “malemolência” do baiano exige um trabalho à parte. Restringiremos em considerar que elas existem no

imaginário brasileiro imbricando um jogo de realidade e ficção, ou ainda um contraponto para indicar a modernização.

Convocado a aderir às novas formas de trabalho, a Bahia não precisou abandonar a sua festividade, pelo contrário, a transformou em um grande negócio. Para os baianos, o negócio deixou de ser a negação do ócio, conforme a etimologia da palavra indica. O “carnaval”, já referido também no capítulo II, tornou-se uma espetacular ‘indústria da alegria’, sendo considerada a maior festa de rua do planeta segundo o *Guinness Book*, levando diariamente cerca de dois milhões de pessoas às ruas da cidade e que movimenta monumentais recursos durante todo o ano. Sofre um processo simultâneo de espetacularização, turistização e mercantilização, sem precedentes. Os corpos de baianos e turistas são subdivididos em os que ficam dentro da corda que cercam e privatizam os blocos carnavalescos e outros que ficam fora dela. Outros ainda estão nos camarotes, respeitando as diferenças sociais da cidade e do país. Os blocos que colonizam as ruas também se subdividem: os blocos de “gente bonita” que pode ser traduzido pelos corpos brancos, esculpídos, oriundos das camadas médias e altas do Brasil – alguns blocos chegam ter 70% de turistas – e os blocos do povo.

Deixando de lado estas diversidades, todos participam do carnaval, sendo que, cada um em seu espaço. Atendendo aos apelos das estrelas do *axé music* como “tira o pé do chão!”, “levanta a mão!”, ou “pula!”, os corpos são incitados quase que a levitar, experimentar um êxtase dionisíaco na cidade em que se fabrica o produto “alegria”. Não se trata mais de um carnaval espontâneo, e sim um carnaval altamente moderno, profissional e competente. Mesclam aqui outros ícones da modernidade, além do hedonismo. Em 2004, o então prefeito da cidade fez uma declaração em uma entrevista na TV sobre a proposta de modificar o concurso do Rei Momo – tradicionalmente obeso mórbido. Refletiu que o Rei Momo deveria ser “malhado” para representar o “espírito da cidade e do carnaval”. É claro, para uma maratona de sete dias, é só para quem tem resistência. O soteropolitano, assim que acaba o período de chuvas, começam a se preparar fisicamente para o carnaval não só para adquirir resistência, mas para exibir os corpos, malhados e bronzeados, especialmente nos blocos de “gente bonita” e na inovação dos camarotes, onde se exibem os corpos *light*.

A fábrica do carnaval é uma indústria moderna também pela sua lógica administrativa: empresas privadas e públicas, os diferentes setores da administração – saúde, limpeza, vigilância sanitária, secretaria de transportes,

dentre outros órgãos sob a tutela do Conselho Municipal do Carnaval, dialogam para a construção do *axé-city* como em nenhum outro empreendimento administrativo. Os resultados são visíveis: a limpeza pública com os tratamentos de resíduos ecológicos, ou trios elétricos movidos a biodiesel, as roupas das estrelas do axé produzidas com material reciclado exibem a perspectiva moderna de produzir o “ecologicamente correto”.

Além disso, apesar das diferenças sociais que marcam a inserção dos corpos no carnaval, a vertente do respeito às diversidades, campanhas de “inclusão social” das mais diferentes espécies estão presentes no cenário. A idéia da diversidade cultural abre as portas para todos os ritmos que tomam conta do carnaval baiano, não restringindo a sua marca maior que é o denominado *axé music*. O tema do carnaval 2006 “O coração do mundo bate aqui” escolheu como símbolos oficiais da folia momesca um bailarino baiano negro e uma dançarina japonesa para representar a idéia de integração entre a Bahia e o mundo, o nativo e o turista no Carnaval de acordo com o presidente da Emtursa. Buscando as culturas “raízes” como, por exemplo, o samba do Recôncavo Baiano e trazendo para a folia outros correntes musicais e músicos nacionais, Salvador procura demonstrar um caráter de uma cidade que almeja um posto da cidade da diversidade.

Semelhantes princípios de “turistização” estão sendo seguidos nas *festas populares*. Salvador possui um ciclo intenso de festas populares que começa em 8 de dezembro com a Festa Nossa Senhora da Conceição da Praia e que vai até o Carnaval. Algumas delas continuam em decadência e outras têm passado por reestruturações. Ory (2005) destaca como um marco para as práticas corporais no decorrer do século XX, a idéia do corpo colocado à prova seja pela violência corporal – nas guerras mundiais e, no Brasil, pode lembrar as duas ditaduras governamentais – seja no dispêndio corporal pelo esporte – de alto nível, os esportes radicais ou pela festa. As festas, o ritmo, a música e as danças que eclodem no século XX a serviço da desinibição e euforização dos corpos bem como a exploração da sua sensualidade, sexualidade e erotismo se fizeram presente nesta década de uma maneira particular. As danças, por exemplo, evoluíram das danças em grupo, depois em pares, à individual. Hoje, há um retorno das danças em pares que pode ser vista pela popularização da salsa, merengue e outras danças latinas, especialmente pela Europa.

É no século XX também que se assiste a reinvenção das festas populares e Salvador tem explorado este momento, reinventando e reestruturando as

mesmas. As duas mais famosas – e, por conseqüência, as que mais estão sendo exploradas turisticamente – são a Lavagem do Bonfim e a Festa de Iemanjá, festas religiosas e profanas sob o signo do sincretismo religioso⁵. Não cabe no escopo deste trabalho explorar o sentido e o significado destas festas no contexto contemporâneo de uma forma mais aprofundada. Trataremos de um aspecto indicador deste processo de modernização que é o uso do termo *light*. Nas festas da Conceição e do Bonfim, há outras festas em paralelo que se denominam respectivamente Conceição *Light* e Bonfim *Light*. Ambas são festas privadas em espaços localizados no entorno, voltadas para um público jovem de classe média e alta, ou seja, festa para “gente bonita”. Oportuniza que todos “rendam homenagens” aos santos católicos e aos orixás, mas numa festividade mais *light*, não precisa se misturar ao povo miscigenado com hábitos e atitudes mais “pesadas”. Em suma, festa é signo da cultura baiana que hoje se transforma em um produto que percorre a cidade.

Outro ponto do corpo em movimento dos soteropolitanos nas “práticas de lazer e atividade física”. Pensar em lazer em Salvador, além da sua festividade, é pensar na sua vasta orla marítima na qual os corpos se distribuem em tribos para todos os gostos. O “culto à praia”, apesar das limitações e cuidados impostos na modernidade tardia pela era do protetor solar, persiste e se constitui em um espaço no qual todos podem participar, embora cada um, mais uma vez, em seu devido lugar.

São múltiplos os usos da praia, um deles seria descansar. Frente a tanta festividade, o descanso se faz necessário e também explorado na indústria do turismo. O descanso nas redes à sombra dos coqueirais ou nas cadeiras sob o banho de sol, refrescando o calor no banho de mar de águas mornas, incita o imaginário dos soteropolitanos e dos turistas. “Passar a tarde em Itapuã” foi uma prática imortalizada por Dorival Caymmi. A praia, uma invenção da virada do século XIX ao XX, ganha um sentido social, espaço habitável e de exercício de novas formas de sociabilidade ao longo deste último século. Prática europeia que o Rio de Janeiro importa e as demais cidades litorâneas, por sua vez, copiam tornando-se um ícone do *modus vivendis* brasileiro (Risério, 2004)⁶.

A praia, que até então não estava no horizonte paisagístico brasileiro, passa a ter um empreendimento de diferentes espécies que vão desde a recomendação médica para os banhos de mar até os empreendimentos imobiliários próximos à orla conforme remarcou Thales de Azevedo lembrado ainda por Risério (2004). Da valorização terapêutica desenvolve-se uma sensibilidade estética

em torno da praia que em Salvador foi praticado primeiramente por um núcleo de estrangeiros moradores no Corredor da Vitória que iriam se banhar na praia da Barra, espaço ainda campestre para qual a cidade migrou (Risério, 2004). O corpo das mulheres de classe média progressivamente se desnuda, prática até então conferida apenas às negras e mestiças pobres. Os corpos descobriram o bronzeamento como um sinônimo de beleza e “boa vida” de um corpo saudável, a ser exibido de forma narcisística que agora tem sido limitado pelas recomendações dermatológicas propondo a exposição ao sol em horários limitados e a indispensabilidade do uso do protetor solar.

No entanto, nesta entrada para o século XXI a praia se transforma. Ela cada vez divide o seu espaço do ócio e com um espaço de atividade física, no bojo deste intercruzamento lazer e atividade física. Os esportes aquáticos, as travessias, o frescobol, as caminhadas, corridas e ciclismo na orla, os tradicionais “babas” de finais de semana, vôlei de praia que, evidentemente, sempre existiram começam a tomar novas conotações: “é bom para a saúde”. Passa a ser menos uma atividade recreativa do que uma quase obrigatoriedade de promoção à saúde.

Estes movimentos dos corpos no espaço somam-se, ao lado da sua extensa “orla marítima”, aos parques como o Parque de Pituacú, com uma pista de ciclismo dentro de uma minúscula reserva de Mata Atlântica, o Parque da Cidade, o Dique do Tororó, como espaços públicos que têm sido reformados e adaptados a estas novas práticas corporais, cada vez mais freqüentados pelos corpos soteropolitanos. Alguns entrevistados citaram as suas práticas nestes espaços e João opina:

A gente hoje você vê, você passa na orla, passa na Barra, passa na Pituba, Jardim de Alá, você vê a caminhada, aquele pessoal já idoso fazendo a caminhada deles, porque aí é necessidade mesmo. Tudo hoje você tem que está... trabalho físico, coração, tem que está, o sangue tem que ficar circulando porque aí é “ordem médica” (João).

É visível a mudança da fisionomia da cidade de Salvador nas últimas décadas nestes espaços em que hoje há uma confluência de corpos na busca de uma “forma” física. O trânsito da cidade é modificado como é o caso do trecho do Cristo ao Farol da Barra, um dos cartões postais da cidade, em que uma via da rua é interdita das 6 às 8 horas diariamente durante o verão, oportunizando os sujeitos a circularem melhor nas práticas de atividade física. Obviamente, significa que a calçada já não é mais suficiente. Assim, os *espaços*

arquitetônicos também se modificam para proporcionar estas novas formas de exercício de corporalidade e inúmeros projetos estão em curso. Por exemplo, há alguns anos atrás estava circulando um projeto que modificaria a orla do trecho acima citado. O projeto englobava um alargamento dos passeios e uma redução do espaço da praia. Houve contestações deste projeto moderno que retiraria a balaustrada construída nos anos de 1940 e as pedras portuguesas do local. Uma contestação tão moderna quanto o projeto, uma vez que a consciência da preservação histórica está em voga para os soteropolitanos. No trecho da praia de Amaralina a da Pituba já está iniciando a sua reforma que engloba alargar os passeios, incluir uma pista de ciclismo, um trecho em que dois empreendimentos hoteleiros de um grupo empresarial português estão sendo também instalados.

Os corpos que viviam simbolicamente nas redes e para aqueles que vivem no conforto dos automóveis particulares, valor capital para os brasileiros, viam a cidade alargando as suas ruas e avenidas e reduzindo os passeios para os transeuntes. Agora, outras demandas do corpo em movimento, os calçamentos e os parques estão no foco das políticas públicas.

Desta maneira, a importância atribuída ao movimento do corpo na era moderna e a imagem do corpo saudável trazem novas dimensões para a organização da cidade possibilitando esta demanda corporal. A percepção de uma cidade que vive em um estado de festa permanente, induz o preparo dos corpos para a festa e a sua exibição, que se traduz em “malhar” para o verão e, sobretudo, para o carnaval. É o corpo em evidência na mescla do narcisismo e de um erotismo dos trópicos, ainda presente no imaginário. Exibir o corpo é quase que obrigatório para os que desejam cultivar as relações sociais à baiana. Ory (2005) se refere às formas de exibição do corpo modificadas no século XX com o advento e disseminação da fotografia, cinema, vídeo e “desdiabolização” do espelho que autoriza uma atenção para si.

No mundo contemporâneo parece que só os corpos magros estão autorizados à exibição. Assim, estes ditames corporais têm provocado alguns constrangimentos como indicaram as falas:

Além da parte mesmo de você está bem, ser admirado, você vai a uma praia e você não tem aquele stress de ‘pô! Estou com a barriga grande não quero ir...’, por exemplo. Minha irmã mesmo, que tem obesidade, ela não vai à praia. Então ela se priva de ir assim, inventa uma desculpa, inventa outra, isso para pessoa não é bom na parte psicológica, vem depressão, e também a social...(Paulo).

Vou à praia e faço questão de tirar a minha camisa. Ficar de sunga, de barriguinha do lado de fora, coisa que eu não fazia antes! Olhar as pernas, as colegas na praia mesmo. Elas dizem: ‘Pô! Você está com as pernas viu?’ Que maravilha! Tudo isso é muito bom (João).

Ir à praia de sunga ou não retirar a canga como faz Dalva, resistir a esta forma de sociabilidade típica da cidade ou ainda ter o orgulho narcisista de exibir o corpo em forma, fazem parte de um jogo de interações sociais entre os corpos.

E assim as práticas corporais do soteropolitano se modernizam: Disciplinando o corpo para o trabalho, disciplinando as festas e o Carnaval, disciplinando o espaço para o corpo atender aos apelos de estar em constante movimento em busca de uma vida *light*, saudável e prazerosa.

O corpo e a atividade física

A atividade física tal como a concebemos hoje sofreu uma série de mudanças nas suas práticas e representações ao longo da história. Vigarello (2005a), por exemplo, discorre sobre tais práticas no Antigo Regime na França na qual havia uma visão particular do organismo. Centrada na teoria dos humores, o movimento físico teria uma função de agitar as partes internas do corpo auxiliando a expulsar os humores já que a estagnação, particularmente dos líquidos, seria perigosa. O jogo então poderia ser uma atividade benéfica. O autor ainda destaca que não havia neste momento referências à velocidade e à rapidez nem tão pouco à focalização dos exercícios nos músculos frente à supremacia dos aparelhos ortopédicos corretivos. Mesmo a descoberta da circulação sanguínea em 1628 por Willian Harvey, não foi suficiente para modificar tais representações. Os exercícios deveriam ser simples, realizados no cotidiano, não necessitando de tempo e espaço específicos. Assim, a atividade física seria equivalente a outras práticas evacuativas vigentes no período, a exemplo da sangria.

Tais representações vêm a modificar no século XVIII com um lento abandono da teoria dos humores voltando-se para uma focalização da força e do “aperfeiçoamento da espécie”. Frente às críticas ao excesso de luxo e a conquista de comodidades que desestruturavam a força e a saúde, tendo ainda como pano de fundo a “teoria da degeneração” em curso; o foco passou a ser sobre as fibras e os nervos. Termos como “educação física”, ou ainda “educação corpora” entram no cenário bem como a idéia de “mensurar” o exercício no

tempo, avaliando o seu progresso e a aprendizagem, e de “corrigir” tendo assim, o exercício físico como um reorganizador da morfologia do corpo – não mais os aparelhos corretivos. Nesta decomposição do exercício no tempo, a noção de velocidade vem a penetrar na atividade física.

Destaque ainda no final do século XVIII para a influência das descobertas do papel do oxigênio por Lavoisier em 1777 que irá transformar profundamente a visão do exercício, suas modulações e intensidades. O princípio da respiração: a proporcionalidade do ar respirado e do trabalho realizado, tendo o pulmão como uma máquina de energia, a respiração não terá mais uma função de um resfriamento do sangue ou pressão exercida sobre as artérias e o coração, mas a “combustão” de um novo gênero sobre o qual emergirá as noções de resistência e a fadiga, acentuando a idéia de aprendizagem e progresso. Mais adiante, ainda nos finais do século XVIII se concretizará um paralelo entre a quantidade de nutrição, de respiração e de trabalho. O exercício físico entrará no século XIX não apenas como uma qualificação moral, mas também entra a noção de eficácia.

No século XIX, o exercício físico se torna uma atividade precisamente codificada onde os movimentos se geometrizam e os resultados se calculam: as forças produtivas, a velocidade e o tempo. Os músculos entram em cena com a invenção de gestos, a composição de exercícios ordenados e encadeados de forma hierárquica, do simples para o complexo, nas progressões e nas séries. A ginástica inventa no século XIX a arte do movimento, movimentos parciais, extensões dos membros, circundação das articulações, inclinações, exercícios localizados na ambição de transformar o corpo.

Vigarello (2005b) ainda aponta nos finais do século XIX a noção do ‘corpo energético’ influenciado pela idéia da transposição de calor em trabalho em que o pulmão passa a ter uma atenção especial para o exercício físico, o que, por sua vez, irá modificar as estruturas anatômicas do tronco (particularmente o tronco masculino). O corpo não será, desta forma, mais tratado apenas como uma morfologia fechada, e sim um lugar de passagem onde se converte energia. Por conseqüência, cresce a atenção ao esporte com os seus exercícios mais livres dispersos e agitados sobre os exercícios fixos e disciplinados da ginástica. Assim é que na entrada do século XX, o esportista se associa a uma visão energética do corpo e a uma visão mais mecânica do ginasta, e ainda, sob a influência de uma sociedade industrial, emerge a idéia de *performance e record*, trabalho em um espaço quase que místico que seria o mundo do esporte. O esporte tornou-se um demonstrativo signo de modernidade.

Os itinerários da atividade física

No conjunto dos entrevistados, os itinerários das práticas de atividade física começaram na infância ou adolescência, contudo, elas diferiam em relação aos locais de desenvolvimento das práticas e dos tipos de atividade de acordo com as camadas sociais e gênero. Para os entrevistados das camadas médias, os espaços foram mais os clubes e as “escolinhas” nos quais praticavam natação, tênis, hipismo, artes marciais, balé, dança, que foram as atividades citadas. Para os pertencentes das camadas populares, o espaço principal foi a própria escola com os esportes escolares e as aulas de educação física, praticando vôlei, basquetebol e atletismo. O popular futebol também foi mencionado pelos homens, praticado mais nos espaços públicos – praias e campos públicos ou improvisados – como práticas de lazer. Normalmente, o futebol também funciona nos intervalos das aulas, após a escola e ainda nos finais de semana. Menções também foram feitas à capoeira – atividade cada vez mais institucionalizada e praticada por diferentes camadas sociais – e ao baleado que parece estar em declínio nas escolas. As práticas de atividade física “escolhidas” expressam o uso do corpo e a sua inserção social.

Estas práticas percorreram a adolescência durante a fase escolar havendo, posteriormente, uma interrupção. Muitos entrevistados revelaram estarem durante muito tempo sem fazer atividade física ou, quando faziam, era sem regularidade. De um modo geral, apenas perdurava para os homens os “babas” nos finais de semana. Houveram três entrevistados que prestaram serviço militar no qual a atividade física era uma peça fundamental. Eles associaram as suas disciplinas corporais atuais – incluindo a alimentar – com as apreendidas durante o serviço militar.

Tais atividades corporais só irão retornar ao cenário da vida cotidiana na fase adulta tendo como o espaço central às academias de ginástica. Evidentemente que, de acordo com os critérios utilizados por esta pesquisa para compor o universo empírico, seria o esperado. Todavia, pode-se inferir que este é o principal espaço contemporâneo destinado para este fim, ao lado dos espaços públicos – parques, orlas e calçadões – para as caminhadas e corridas ou ainda ciclismo. Se antes poderíamos considerar a academia como um espaço destinado para as camadas médias e altas, esta afirmação já não mais se aplica em função da disseminação das academias de ginásticas nos bairros populares a baixo custo.

Há uma comparação entre a prática do esporte escolar e as práticas nas academias de ginástica feita por Sara, indicando que a primeira é mais para “cumprir tabela para a nota”, “uma questão de obrigação” não estimulando ao aluno com o entendimento de que aquilo é um “bem para o futuro”. Sara ilustra um momento em que a educação física nas escolas, subdividida na ginástica e nos esportes escolares, tinha uma função mais de disciplina dos comportamentos e de promoção do desenvolvimento físico e mental. Lembra-se ainda que tais funções tomam uma conotação particular já que o período escolar de Sara coincide com o período da ditadura militar no Brasil. Neste momento, difundia-se uma dimensão patriótica e um adestramento de corpos para o trabalho em uma economia que crescia assustadoramente, o período do milagre econômico. A força da obrigatoriedade contrapõe o estímulo de responsabilização de si, tendo como finalidade a saúde que marca as práticas atuais de atividade física.

Muitos revelaram ficar bastante tempo parado e é como se despertasse, em um dado momento, para a importância da atividade física: “Não pode ficar muito tempo parado não, ficar só tomando cerveja não vai ajudar em nada” (Alberto). Alberto ficou “parado” dos 27 aos 31 anos, período em que “só fazia farrá”, o que o levou a aumentar o peso e a sentir cansaço nas atividades cotidianas. Outros entrevistados trouxeram a noção de “parado na vida”, definido por Pedro como “aquele que tem condições para fazer e não faz nada”, seria aquele que “se entrega”, que fica “acomodado”, o “come e dorme”:

Está cuidando do corpo, de si próprio, para ter um resultado melhor no futuro, porque a pessoa não malha fica acomodado, come e dorme, fica acomodado, trabalha, come e dorme aí começa a aparecer muitas coisas de doença, obesidade, deixa a preguiça tomar conta do corpo todo e não quer fazer nada (Narciso).

O corpo tem que está sempre na ativa, em pleno movimento, só o corpo ativo é quem tem valor, e não se pode perder oportunidade para se por em movimento:

Eu me cuido, eu tenho um “corpo ativo”, é de manhã de 7 da manhã às 9 da noite, é atividade. Mesmo que eu não esteja fazendo atividade nenhuma, mas eu quando caio na água eu estou ali, elevando meu joelho, meia hora você dentro d’água fazendo, só isso, elevando o joelho, é atividade aeróbica você passou uns cinco minutos você já está entrando em atividade aeróbica, perda de gordura, atividade

aeróbica, perda de gordura, querendo ou não eu estou me exercitando (Flávio).

A imagem do corpo saudável está vinculada ao seu movimento na era moderna. Assim, trava-se uma verdadeira batalha contra o sedentarismo dos corpos. Não se pode ficar “parado na vida” nem deixar a preguiça tomar conta do corpo. Santos (2002b) observou que as prescrições em relação ao corpo em movimento se “misturam” às práticas cotidianas, tipo ir a pé ao trabalho, subir escadas no lugar de usar elevadores, dentre outras. O tempo do não trabalho, além do uso dos horários de descanso - academias que funcionam quase que 24 horas - uma outra prática que tem se tornado comum, é utilizar as férias para “emagrecer” nos *spas* ou, para outros, pode ser o turismo ecológico que envolve atividade física via os “esportes radicais”. Assim, todo momento é momento para atividade e para o movimento.

Alguns elementos podem ser destacados neste processo. O primeiro é que a prática da atividade física, em que as atividades aeróbicas e a musculação são as mais centrais, parecem assumir uma importância fundamental nas práticas corporais modernas ao lado, ou até superando, as práticas esportivas. O segundo seria um possível novo modelo da inserção destas práticas no cotidiano dos sujeitos em que, ao mesmo tempo em que reforça e intensifica um espaço e tempo para tal com exercícios altamente metódicos e controlados; sugere-se que a mesma se dilua no bojo das atividades cotidianas conforme referido acima. Terceiro, o seu laço cada vez mais estreito com a saúde, e ainda com a nutrição, conforma um campo que vem consolidando que é a nutrição e atividade física, mais ampla do que a nutrição esportiva configurada para os esportistas em geral. Por fim, o seu caráter de inclusão de todos os setores da sociedade: crianças, adolescentes, adultos e idosos, ricos e pobres têm sido convocados para colocar o corpo em movimento.

A atividade física contemporânea

Entre no Pan Brasil e conquiste o melhor de todos os prêmios: a sua saúde.
(Globo Esporte 08.01.06).

Com a proximidade dos Jogos Pan-Americanos que irão ocorrer no Brasil em 2007, o Programa *Globo Esporte*, da Rede Globo de Televisão, lançou

uma campanha com este lema no qual qualifica a saúde como um prêmio. Um prêmio significa um bem ou uma recompensa por um trabalho bem executado, por um mérito especial, um prêmio é destinado a um vencedor. É exatamente esta a concepção atual de saúde: mais do que um estado, e sim uma conquista e, para alcançá-la deve ser metodicamente trabalhada, monitorada. Implica em uma mudança nas práticas cotidianas na qual a atividade física é um dos seus principais pilares.

A atividade física contemporânea, conforme já vem sendo afirmado ao longo deste capítulo, tem como um dos seus espaços centrais “as academias de ginástica”. Esta centralidade não exclui outros espaços e muito menos anula os anteriores. A prática esportiva continua tendo uma importância fundamental no cenário contemporâneo, com estilos de vida, modas, heróis que contaminam as imagens circulantes nos espaços sociais também ganhando terreno em novos cenários.

Por exemplo, pode-se citar o crescimento dos esportes radicais nos cenários ecológicos na busca de novos desafios para os corpos. Estes, por sua vez, difundem gestos esportivos para o mundo urbano, com seus ícones: novas roupas esportivas, carros esportivos, conceitos que emergiram desde o início do século XX. No entanto, o gesto esportivo se acentua: não há nada mais típico e simbólico deste gesto “radical” como os novos carros esportivos que circulam pela cidade com seus “sobrenomes” sugestivos – *cross*, *adventure*, *ecSPORT*. Eles desfilam com os seus pneus à mostra no verso transformando o espaço citadino em uma espécie de *rali* urbano. Muito freqüente, os usuários destes automóveis pouco ou nada tem a ver com a prática dos esportes radicais. A natureza recriada parece tomar conta dos meios urbanos e traz consigo um novo símbolo de distinção.

As academias de ginástica não apenas têm ampliado o seu universo para atender diferentes camadas sociais, como também têm intensificado a sua complexidade de opções de atividade e de individualização das práticas. Castro (2003) identifica em seu estudo que a escolha da atividade física se constitui em uma das dimensões do estilo de vida dos grupos sociais que foram estudados. Assumem também outras funções como as de recuperação fisioterápica ou como uma atividade complementar para os praticantes de esporte. Alguns entrevistados afirmaram praticar esportes, contudo, eram acopladas às práticas de musculação e condicionamento cardiovascular. Tais práticas seriam tanto destinadas à modelação corporal como a melhora da própria performance esportiva.

Segundo dados, o Brasil é o quarto mercado mundial de academias de ginástica – estima-se a existência de sete mil empresas, mercado liderado

pelos Estados Unidos seguidos da Inglaterra e a Alemanha. Apesar disso, estima-se ainda que apenas 1,6% da população brasileira pratica atividades *indoor* –, todavia, o segmento mantém a média de crescimento de 8% ao ano, nos últimos cinco anos. Destas sete mil empresas, 45% se localizam na região Sudeste, sendo o Nordeste responsável por uma concentração de 15% destas empresas (Fitness verde..., 2006). Na Bahia, segundo o Conselho Regional de Educação Física para os estados da Bahia e Sergipe (Crefi 13), existem 280 academias registradas e 3,1 mil profissionais oficialmente habilitados para o exercício da profissão. A maioria das academias oferece ginástica e musculação, que são as atividades tradicionais (Nordeste acompanha...,2006).

As academias de ginástica disseminam em Salvador na segunda metade da década de 1980. Uma das entrevistadas, que já foi proprietária de uma academia, conhece bem os diferentes momentos já vividos: “Eu passei todas as épocas da academia da febre do exercício aeróbico, o momento onde se visava muito o lado da localizada que é um momento que acreditei muito e continuo acreditando. Eu fiquei 10 anos com academia de ginástica também” (Marta).

Um dos fulcros centrais da atividade física contemporânea, pode-se afirmar, é a modulação corporal. A modelação corporal pode ter várias funções vinculadas à tríade saúde, beleza e emagrecimento. Houve relatos em que a decisão de fazer atividade física esteve relacionada à detecção de algum problema de saúde, ou pela necessidade imposta por causa da idade e os efeitos do corpo fundamentalmente no peso corpóreo, uma forma de “compensação” das conseqüências da idade sobre o corpo. Pode ser ainda por vaidade, “pelo visual”: “Chegando a uma certa idade, a uma faixa etária as coisas vão caindo, os músculos enfraquecendo tem que compensar com a atividade física”.

Outros identificaram um fim em si mesmo, o prazer de malhar. A noção de “se sentir bem”, meio de “libertar a energia”, de “se soltar” que não consegue fazer no trabalho, “jogar fora o stress”, ou ainda buscar “paz de espírito”.

Você joga o stress para o lado, você chega uma outra pessoa. Na minha concepção, entendo o seguinte: que para você jogar seu stress para fora, a única forma é você fazer atividade física. (João).

Quando cai na piscina e começa a ‘contar azulejos’. Aquilo ali vai trabalhando a mente e a atividade física ajuda que você trabalhe sua mente você pensa muito. Mais condicionado você vive melhor, você trabalha melhor, pode reparar: se você não fizer uma atividade física

diariamente você não é a mesma pessoa! (...) Então corpo humano é isso. A pessoa que procura conhecer o corpo através da atividade física está descobrindo uma coisa boa, tem muita gente que procura curtir o corpo de outra forma...(Flávio).

Uma prática individualizada em que se relaciona consigo mesmo. Importante ressaltar a idéia recorrente do “se transformar em outra pessoa”, após a atividade física. São benefícios clamados que indicam uma idéia do corpo em constante renovação, no qual busca-se no interior as “energias necessárias” para “estar de bem com a vida”. Coaduna com as imagens do mundo dos cosméticos que mostravam uma renovação constante da pele através de uma remoção da camada interna deixando mostrar uma subcamada mais jovem, sem os sinais da idade conforme aludido anteriormente. É também uma forma de autoconhecimento, conhecer o seu corpo, o seu movimento, ouvir a si mesmo à medida que ouve as batidas aceleradas do coração com a respiração ofegante provocada pelo exercício.

Não obstante, as academias representam mais do que espaços para o exercício físico. Elas representam espaços em que se tem construído novas formas de socialização:

Na academia você conhece pessoas, colegas, ao mesmo tempo em que você malha, você faz amizade. Quando você vai para academia aonde todos tem o seu ponto de vista, tem o seu equilíbrio, vê que realmente aquela gordinha está entrando na academia é para obter o emagrecimento, e se tem uma pessoa magrinha é para manter o seu corpo, mas todos ali estão em um só objetivo (Virgínia).

E é com os amigos da academia que João e Pedro agora convivem, estabeleceram laços de amizade que ultrapassam os limites das relações dentro da academia. Todavia, evidentemente, como todas as formas de socialização, elas também envolvem os conflitos: a inveja, vigilância mútua, etc., que foram relatadas por Ilda. Ao mesmo tempo, se torna um “refúgio” do cotidiano estressante da vida, uma “válvula de escape”, “lugar de não pensar em nada, pensar em você”. É lá o espaço que alguns entrevistados elegeram para dissipar seus problemas: “Todos os depoimentos que a gente ouve é mais ou menos isso: todo mundo acha que na esteira vai se tirar toda depressão, síndrome de pânico, ajuda realmente...”(Ilda). Suzana considera a sua válvula de escape onde resolve os seus problemas psicológicos e suas carências: “Isso é uma

coisa que sempre me preencheu assim, é bom, adoro malhar, eu gosto coisa que me deixa relaxada e tal” (Suzana).

Para cumprir esta multiplicidade de funções, as academias têm progressivamente alargado o leque de possibilidades para se trabalhar o corpo e com atividades propostas para todas as idades. Contudo, as principais são as atividades aeróbicas – a esteira e a bicicleta são aparelhos símbolos para tal fim – para perda de peso; e a musculação com seus aparelhos e pesos, promovendo o enrijecimento e/ou hipertrofia muscular. Junto a este leque de possibilidades, há também um trabalho de *marketing* sobre elas que relevam os seus benefícios específicos – bons para enrijecer os braços, o bumbum, ou qualquer outra parte corporal – mas, sobretudo, o marketing é em torno do “emagrece”. Mais profundo ainda é o *marketing* em torno de quantas calorias são gastas por hora em cada atividade bem divulgada pelos meios de comunicação: quanto maior caloria gasta em menor o espaço de tempo, maior valorização tem a atividade.

A musculação com o seu trabalho metódico e definido trabalhada pelos fisiculturistas, hoje sai do universo masculino adulto e atinge a todos: homens e mulheres, idosos e adolescentes. Segundo Paulo, ela representa “é o que mais rápido se atinge esse seu objetivo de melhorar o corpo e a auto-estima”. Para Gustavo, com a musculação ele se sente mais saudável “mais forte, mais determinado, mais concentrado”. Parece reencontrar e renovar a idéia da ginástica que emergiu no decorrer do século XIX conforme referida anteriormente, contudo, a dimensão do corpo energético do esporte é incorporada nestas perspectivas, tomando conotações da flexibilidade contemporânea.

Trabalha-se dentro de uma equação de tempo e prioridades. Um trabalho metódico, gradual e progressivo, com dedicação meticulosa às partes, partes estas que o próprio indivíduo pode escolher e selecionar de acordo com as suas prioridades e objetivos: “eu procuro separar os músculos”. Os entrevistados relataram seus objetivos com a malhação tipo: “adquirir’ mais perna”, “o tronco sai mais rápido”, “perder’ a barriga”, “definir’ o abdômen”, “definir’ mais os músculos”. Este metucioso trabalho das partes não substituiu o trabalho braçal nas atividades de trabalho pesado. Assim foi como argumentou Narciso a um colega, trabalhador braçal na área de construção civil, seu que critica a idéia de freqüentar academia, pois não encontra sentido em “pagar para pegar peso”,

pois na academia se trabalha as especificidades das partes, braço, pernas, costas, não é o mesmo do peso do trabalho cotidiano.

Difícilmente confundiríamos um corpo com os seus músculos moldados pelo exercício físico metodicamente trabalhado no espaço e tempo com um corpo com seus músculos moldados pelo trabalho braçal que não conta com uma alimentação adequada e os suplementos protéicos. Conta, por vezes, com uma alimentação precária e, conseqüentemente, com a economia energética e generosidade metabólica de garantir o fortalecimento das partes do corpo necessárias para a sobrevivência corporal. Nem sempre a imposição do trabalho pesado dentro das academias é experimentada nas atividades cotidianas fora dela. Ilda mesmo afirmou que o seu esforço físico se esgota na própria academia: “depois não me chame para andar nem daqui para ali que eu não vou!”.

A atividade física também provoca inúmeras sensações, é uma *produção do bem estar* quase consensual: “Você sente a diferença, a diferença é tudo, o dia-a-dia, quando vai dormir, dormindo você sente a diferença, até a vida sexual também melhora muito 100%” (Maria).

Eu não me sinto tão cansado como eu sentia antes: era sono, dormir, não fazia nada, só fazendo Aiki-Do, treino pesado, nem agüentava (...) era tonturas e mais tonturas, eu vixe Maria! Estava ruim o negócio (...) Sexual, disposição para tudo, trabalho, sair, você tem energia para isso, antigamente não tinha, chegava do trabalho cansado. Ficava a noite descansando. Agora se tiver já estou... Carnaval mesmo, no caso, Salvador, porque carnaval, cinco dias, eu saía bem, pulando numa boa, me sentia com energia pra poder fazer isso (Alberto).

As sensações nas mudanças do metabolismo, disposição para tudo, inclusive para vida sexual que foram bem citadas, controlar a ansiedade, o cansaço, a sonolência foram alguns dos benefícios experimentados pelos entrevistados. A atividade física, sobretudo, oferece energia, palavra muito utilizada pelos entrevistados, para as atividades do cotidiano. A atividade física possui a estranha matemática de produzir energia gastando-a. Há também sensações do *dever cumprido*: “bom, cumpri meu dever hoje, estou bom, estou mais leve, estou mais saudável, é prazeroso... Você está mais apto, acho que estou com mais energia, não sei se exatamente assim, mas é uma sensação muito boa” (Álvaro).

Ainda resta comentar as sensações provocadas no corpo durante a prática como descreve Flávio quando corre:

...você procura perceber como seu corpo está trabalhando. Eu boto todos os dados no meu relógio desde a minha data de nascimento, aquilo que calcula o IMC, índice de massa corporal, também calcula o gasto calórico, de ar, calcula tudo. Então eu ali estou vendo, eu estou sentindo cada minuto que passa, eu estou vendo que o relógio está demonstrando os meus dados diferentes, então é sinal que o meu corpo está trabalhando certo, está trabalhando na segurança é muito importante. Quando eu corro tem horas que eu me concentro na minha respiração, enchendo bem o peito de ar, vendo que aquilo ali, está entrando oxigênio, sabe? (Flávio).

Não é incomum ver sujeitos praticando atividade física nas ruas, particularmente nas corridas, utilizando instrumentos que monitoram os dados vitais e o gasto energético durante a atividade. A fala de Flávio inter-relaciona o monitoramento objetivo a cada minuto do seu corpo em movimento com as sensações vivenciadas o que lhe confere segurança, o trabalho correto do corpo. Ilda também reflete sobre as suas sensações e observa que depois de 40 minutos fazendo ginástica “você começa, tem euforia legal mesmo, com essa euforia acho que quando você está num lugar legal, tem uma energia legal, os colegas, no fim a gente tem um grupo legal”.

Entre estas múltiplas sensações, um “sair de si”, como uma espécie de suspensão do tempo, tornar-se outra pessoa com disposição para tudo, uma forma de autoconhecimento, um prazer do qual desconhecia e que “Deus, colocou no meu caminho”, os entrevistados navegam em um verdadeiro mar de prazeres hedônicos que não deixa espaço para sentir algum malefício que porventura provoque.

Apesar destes relatos sobre um mundo quase que místico do exercício físico, os entrevistados revelaram algumas dificuldades. Em primeiro lugar, a instituição deste novo hábito na rotina diária implica em uma série de obstáculos. Uma vez iniciada com um certo sucesso tal prática no cotidiano, os entrevistados ainda apontaram tentar estar em constante equilíbrio entre a necessidade de instituir o hábito, mas não se tornar um vício. Marta tem experiência sobre isso e conta:

Fui muito neurótica assim porque eu era muito exigida pelas pessoas (...). Eu tive uma época que eu tive que parar literalmente com minha

atividade em excesso porque eu não estava conseguindo dormir, porque eu fazia não sei quantas aulas, tinha aquela parte aeróbica, eu corria, andava de bicicleta, eu nadava. Tinha época de ficar duas, três horas da manhã sem conseguir dormir e botava o *walkman* no ouvido. Como eu acordava cedo, pegava minha *bike* e ia para rua. Eu dizia assim ‘meu Deus o que é isso?’ Aí fui ao médico, não conseguia dormir, ficava ligada o tempo todo (...) Eu era tão viciada que não tinha sábado, não tinha domingo não tinha... Era um vício era uma coisa assim doentia (Marta).

Já Ilda, com medo de entrar neste “surto” de academia, ainda relata a experiência de uma amiga viciada em exercício físico e diz que também ficou tentada pelo ‘imediatismo’ dos resultados. Alguns outros referiram a esta dificuldade de encontrar o ponto, a medida do até onde ir. O limite seria “até onde o organismo pode agüentar”, lembrando aqui que a atividade física é também uma arte de superar desafios e ultrapassar obstáculos. Um deles é a própria dor.

Então um mês já deu para perceber. Eu impus meu ritmo que eu sempre tive e no começo é duro porque dói tudo! E depois o corpo já começou a acostumar uma semana depois, na segunda semana já estava bem mesmo, já estava começando a fazer tudo sem sentir dores nenhuma no corpo, já adaptou. Então agora é só aumentar a quantidade de exercício para daí aumentar a energia que está baixíssima ainda... tem que aumentar mais (Telma).

Sara também revela que gosta de fazer exercícios, mas que têm alguns que são “verdadeiras torturas”. No entanto, nada que a “força de vontade” não supere. Suportar a dor, desprezá-la enquanto obstáculo ou um sinal de alerta, é uma prova de resistência, é colocar o corpo à prova. A luta que a medicina faz para afastar a dor da vida humana, que há muito tempo tem perdido o seu significado religioso encontra neste momento afinidades: suportar o sofrimento para alcançar a graça: o emagrecimento e a boa forma.

Em suma, a atividade física é um bem. Um bem incondicional. Pouco se discute os possíveis malefícios, as lesões, e os demais problemas vivenciados no cotidiano pelos atletas de alto nível, muito menos pelos amadores e pelos praticantes de atividade física de uma forma geral. São inúmeros, joelhos, ombros, musculaturas postas à prova, às dores e às resistências. Tais danos e dores são completamente silenciados frente aos benefícios da atividade física.

Os entrevistados também silenciaram – não foi realmente investigada esta questão. No entanto, cabem algumas considerações que apareceram nas entrelinhas de algumas falas e que chamaram a atenção. Paulo, que é médico, trouxe as luzes da ciência que comprovam que as pessoas que praticam esportes reduzem os riscos de doenças, particularmente, as doenças cardíacas. Ele mesmo afirmou que não tem adoecido desde que começou com a atividade física regular, mas, no entanto, em um outro momento da entrevista, ele remonta o problema que teve na omoplata e em uma vértebra e quase teve que se submeter a uma intervenção cirúrgica:

Tenho também, com isso, os seus ‘adversos’. Eu, por exemplo, nesses dois anos, eu tive umas duas lesões. Uma lesão no ombro que provavelmente foi erro mesmo de exercício e cheguei a ficar assim, um mês parado. O outro foi uma distensão na área vertebral que foi pouco tempo, mas que poderia ter sido mais grave. A lesão do ombro mesmo até hoje eu tenho que tomar cuidado, eu faço fisioterapia eu por mim mesmo, mas cheguei até a cogitar cirurgia na ocasião. Como foi uma lesão inicial deu para recuperar. Esta é também a parte ruim da coisa, o joelho se a pessoa força muito... graças à Deus não tenho nada nessa parte não (Paulo).

Ele considerou como um “efeito adverso” e não um acidente, ou uma situação patológica. Ilda, no bojo da sua apologia à atividade física deixou cair nas entrelinhas alguns problemas no joelho e um cansaço crônico que tem sentido nos últimos tempos. Houve quem fosse mais radical e mostrar claramente a sua não afeição com as academias:

Acho que uma é obrigação, você tem que fazer aquele exercício. Por mais que você não queira se moldar toda, você já está ali, ‘ah não, vou fazer’. Ficar ali malhando, feito uma *condenada*, por isso que eu acho que academia é uma *escravidão*. Para quem tem esse pensamento de se enquadrar em tudo que o padrão da sociedade impõe... Todo dia está ali se acabando, eu não gosto não (Telma).

Narciso, sobre a prática de musculação, também revelou que a musculação é um dos “esportes” mais ingratos que existe, pois “passa três meses malhando, fica o corpo numa performance ótima, mas se pegar uma virosizinha, tudo aquilo que você adquiriu você perde uma semana o que você adquiriu três meses” (Narciso).

É desta forma que Virgínia designou uma escravidão, uma condenação, pois a forma física é uma conquista cotidiana, que não cabe qualquer descuido. Sendo assim, a única coisa que resta a fazer é incorporar tal prática dentro dos hábitos cotidianos. E é dessa forma que Álvaro se referiu a esta sensação de dever cumprido, um prazer, uma liberdade de decidir que não exclui a obrigação. É a incorporação de uma disciplina na qual o controle é responsabilidade do próprio indivíduo. As noções de treino progressivo e monitorado, performance e recorde penetram nesta competição permanente dos sujeitos consigo mesmo. Competem expelindo dos seus corpos a obesidade, as gorduras localizadas, o cansaço, efeitos do envelhecimento sobre o corpo, para conquistar o maior de todos os bens: a Saúde. A saúde combinada com a beleza, a leveza, o rejuvenescimento, o bem estar.

O metabolismo dos corpos em movimento

Neste item retorna-se a referência do corpo interno e externo. O metabolismo interno do corpo se apresentou para a maioria dos entrevistados como uma categoria sensível. Sensível às mudanças dos processos fisiológicos do corpo no momento da atividade física, aos efeitos do bem estar que provoca a sua prática regular ou ainda aos efeitos metabólicos do processo de envelhecimento. As mudanças dos processos fisiológicos durante a atividade física já foi referida acima com a descrição de Flávio quando ele está correndo.

As imagens do corpo em movimento combinam a sudorese com a respiração acelerada, a aceleração dos batimentos cardíacos que indicam uma intensificação da circulação sanguínea, rubores e calor por todo o corpo que dá uma sensação de produção de um corpo saudável. A idéia de fazer o sangue circular e resultar na “limpeza” das artérias, particularmente das gorduras, se faz presente. Exercitar o corpo significa então provocar um estímulo sanguíneo, bem como a liberação das toxinas do corpo e, sobretudo, o meio para “queimar” calorias. Neste último, há um encontro com os significados do suor.

A idéia de “tirar tudo no suor” produzido pelo exercício físico toma uma nova conotação no contexto contemporâneo. O suor resulta de um corpo em movimento acelerado, que já fora rejeitado por significar o trabalho duro, o trabalho do negro escravo, e, em outro momento, valorizado quando significa a simbolização positiva do trabalho que tem como lema mestre: “ganhar o pão com o suor do rosto”. Na atividade física contemporânea, o suor passa a ser estilizado, glamourizado e até erotizado. A imagem do corpo suado é bem

explorada pela mídia. O suor representa um dos produtos metabólicos estando presente no imaginário dos entrevistados, “uma transformação da gordura em suor”, por conseqüência, a perda de peso.

As mudanças no metabolismo provocadas pelo envelhecimento foram mencionadas tanto por aqueles que já as sentem como também por aqueles que estavam interessados em trabalhar para o futuro: “quanto mais o tempo passa, você tem mais dificuldade porque você acumula mais gordura, porque o seu metabolismo vai diminuindo, vai mudando tudo, tem a parte hormonal também” (Marta).

Os processos internos provocados pelo envelhecimento - e não apenas os fenômenos aparentes tais como as mudanças na pele ou perda da funcionalidade do corpo - são refletidos como causalidade: a redução do metabolismo, as mudanças hormonais, o acúmulo de gorduras; que ainda podem passar a ser categorias sensíveis tal como: “você sente o metabolismo diminuindo”. Isto indica um aprofundamento dos níveis de sensibilidade do corpo que é também resultado da ampliação dos investimentos científicos para a compreensão do processo do envelhecimento com o intuito de melhor controlá-lo e/ou retardá-lo. Roberto e Álvaro visualizam o futuro dos seus corpos e a atividade física.

Sinceramente, eu vou ser um velhinho muito chato! Enquanto eu não parar, meu corpo não vai sofrer, vai ter alteração do tempo, mas mesmo assim, engordar, ficar com problema de coração, eu acho que não vou ter. Isso pra mim é importante (Roberto).

Acho que vai continuar como está, ou melhor, ainda! A idade vai chegando e a gente vai, eu, pelo menos, vou procurar manter ele assim, ou melhor. Daqui para frente, não vou deixar esmorecer ou ficar pelancudo, velhão, essas carnes moles, vou procurar manter do jeito que eu estou, ou melhor. Tem que levar a sério! Vai ficando mais velho, sei lá mais saudável, procurar manter ele como sempre venho mantendo até agora, ou apertar mais por causa da idade. Queira ou não, você vai decaindo um pouco em termos de músculos vai enfraquecendo, o músculo da barriga não tem a mesma rigidez que tinha antes, então tem que compensar de alguma forma fazendo exercício e tal e zelando por ele (Álvaro).

As duas falas demonstram uma disposição para controlar a velhice através do exercício físico. Se o esforço físico, oriundo do trabalho penoso, poderia

acelerar o envelhecimento, no exercício físico regular encontra-se a fonte para combater estes males e proporcionar uma velhice saudável, sem doenças, sem gorduras, como Roberto acredita.

A construção da corporalidade soteropolitana no mundo contemporâneo

Pela primeira vez na história, o número de obesos no mundo ultrapassa o número de desnutridos. Sendo a obesidade considerada como um dos fatores que tem influenciado o perfil de morbi-mortalidade das populações, a idéia do emagrecimento dos corpos se constitui em um enfrentamento político: estão envolvidas as organizações internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), as políticas governamentais – em que os EUA são um exemplo disso, principal espaço de batalha entre empresas privadas na área de alimentação, sociedade e governo –, bem como organizações não governamentais, a mídia, associações e grupos a exemplo dos Vigilantes do Peso.

Os espaços institucionais estão sendo convocados para serem parceiros de tal empreitada: as escolas com os programas de alimentação escolar buscam promover uma “alimentação saudável”, estimular a atividade física, e ainda, propostas de inclusão da alimentação enquanto tema curricular, com o intuito de prevenir a obesidade. Os ambientes de trabalho também estimulam, através das instituições de saúde do trabalhador controlando os índices de colesterol sanguíneo e o peso corporal, que os indivíduos tomem iniciativas para buscar um “peso saudável”. Os espaços públicos urbanos também sofrem lentas mudanças a serviço desta empresa conforme já referido neste capítulo, assim como espaços específicos a exemplo das academias de ginástica destinando espaço e tempo para tal fim. Embora a estimativa da população brasileira que utiliza este último espaço seja pequena, ela não deixa de ser uma referência importante para trabalhar o corpo.

O “peso saudável” estabelece outros critérios normativos e, por conseqüência, novos critérios desviantes: a morfologia corporal no corpo obeso é o seu desvio patológico e, de um outro extremo, a anorexia nervosa, considerada como uma patologia de protesto, como também a vigorexia. Patologizam-se também as formas de comer, o que se convencionou a chamar

de “transtornos alimentares” – síndromes do comer compulsivo episódico – não mais a gula –, a bulimia nervosa. Novas representações e significados são construídos em torno destas novas classificações corporais.

O presente capítulo procurou focar como os sujeitos subjetivam tais proposições políticas e como eles operacionalizam no cotidiano de acordo com as suas condições de possibilidade. Estes investimentos políticos podem levar os indivíduos a se incomodarem com os seus corpos e decidirem a modificar suas condutas corporais, como podem criar outras múltiplas possibilidades de resistências. Será no corpo, onde tais batalhas se concretizam no cotidiano dos sujeitos, permeados de vitórias e derrotas, o espaço de negociações, de idas e vindas, aceitações e resistências que construirão este campo de experiências corporais dos sujeitos contemporâneos. Emagrecer na visão dos sujeitos significa muito mais do que perder peso, muito mais do que perder a gordura corporal ou modulação da sua morfologia. Indicou ser em muitos momentos a ponta de um *iceberg* referente a um processo de mudanças mais generalizadas na vida da pessoa. Trata-se de uma conquista, com uma atitude beligerante consigo mesmo, por vezes oculta, mas onipresente e capaz até de desestruturar silenciosamente vidas.

Entretanto, é também importante refletir sobre o corpo que temos, o corpo que desejamos e o corpo sugerido pelos discursos médicos dentro do contexto citadino soteropolitano. Os corpos soteropolitanos, resultado das múltiplas e heterogêneas formas de miscigenação genética e cultural e, por consequência, múltiplas representações e significados; trazem marcas históricas fundamentais. São eles os corpos negros que trazem as marcas do trabalho pesado da escravidão, reduzidos da condição humana à condição animal, e ainda com as escaras das punições públicas, são os corpos reprimidos, exterminados e esquartejados nas revoluções e revoltas em prol da liberdade contra a situação colonial, são os corpos violentados e desaparecidos no período da ditadura militar em busca da sua liberdade de expressão, são corpos exauridos pela fome e exploração que ainda se fazem parte do cenário da Terra da Felicidade. Formados ainda pela amálgama dos corpos das sinhazinhas e dos coronéis, senhores de engenho, o homem gordo coronel, branco, de passos lentos, com um caminhar que ostenta a sua barriga pulsante, símbolo de prestígio e poder, cujas formas de dominação preponderante na época ainda podem ser identificadas nos modelos híbridos atuais das relações de classe. São corpos mulatos sedutores dos estivadores, pescadores, capoeiristas, dos malandros; e

das mulatas, do rebolado de largas ancas hipertrofiadas por tanto “subir ladeiras” de acordo com o dito popular.

Por outro lado, são corpos que se liberam até a exaustão nas festas populares, carnavais e nas festas privadas também. É na festa e na musicalidade baiana, que possuem um valor simbólico fundamental para a cultura local, que os corpos soteropolitanos constroem alguns dos aspectos mais relevantes da sua identidade. São os encontros dos corpos nas rodas de samba e nas rodas de capoeira expandindo os seus limites de corporalidade, entre o rebolado e a ginga do corpo. É lá nos blocos afros que os negros procuram resgatar a sua dignidade expressando a sua afirmação cultural e religiosa, reprimida há séculos, porém presentes nas memórias corporais. Lutam contra os estigmas criados que validaram o corpo do negro, visto como propenso à marginalidade, uma massa cefálica menor que o desqualificaria enquanto ser humano. São nos corpos dançantes dos orixás que sincretizam com o corpo martirizado de Cristo e os corpos sofridos dos santos católicos. É ainda na folia momesca que os corpos excluídos se encontram com os corpos exibidos de “gente bonita” que também exibem a sua “baianidade” cravada nos ícones da cultura negra, mesmo sendo na sua maioria brancos e brancas.

Sob a égide da modernidade que aporta nos cais da Baía de Todos os Santos nos meados do século passado, Salvador irá sobrepor os novos ritmos dos relógios às batidas de seus tambores que já dialogavam com os toques modernos da guitarra baiana. Os soteropolitanos tiveram que congrega estes novos ritmos a seus corpos. Transformam-se em corpos operários, ou nos corpos de empresários, “modernizando” as formas de exploração do trabalho, limitando a vivência hedônica das festas e do descanso das redes, ampliando a velocidade dos movimentos em prol da produção econômica. As formas de violência ao corpo também se modernizam, fundadas na violência urbana vivenciada nos bairros, na violência policial, no tráfico de drogas, do abandono dos corpos dos moradores de rua e da prostituição moderna como o fenômeno do turismo sexual onde parece ainda perpetuar o imaginário erótico tropical e colonial, não existindo “pecado do lado de baixo do Equador”.

Mas, nem por isso, os corpos das soteropolitanas e dos soteropolitanos deixaram de explorar formas hedônicas de prazer modernizando o toque dos seus tambores e o potente som das guitarras eletrizantes dos trios. Pelo contrário. Transformaram em um produto. A festa é trabalho, trabalho que vai desde os grandes empresários de entretenimento até a geração do trabalho precário –

crianças que catam latinhas, desempregados que vendem cerveja no isopor fugindo dos fiscais da prefeitura, os que vendem a sua força de trabalho nas cordas dos blocos, dentre várias outras possibilidades.

Paralelamente, tem-se também a busca da valorização da cultura diversa, colonial e barroca, na qual a arquitetura e corpos soteropolitanos estão sendo transformados em um produto dentro de uma economia do lazer, uma “capital do prazer” seguindo a linha de Antonio Risério (2004). Não por acaso, Salvador se volta para o Recôncavo Baiano a busca de suas origens culturais e históricas: bandas filarmônicas, sambas de roda, capoeira, e vários outros ícones da miscigenação cultural que emergiram no bojo da cultura canavieira, de um dos primeiros pólos de produção econômica do país. Logo, a modernização da cidade não passa apenas pelo seu arcabouço arquitetônico, pela produção das festas, pela modernização de relações trabalhistas, passa também pela modernização dos seus corpos e de suas práticas corporais. E é aqui que nos encontramos com a leveza corporal, fundada no seu emagrecimento, que também se traduz em uma leveza psíquica da existência em que elementos como o lúdico, aqui disciplinado, pode oferecer. Transformar a vida mais leve.

Em suma, entendendo que a riqueza histórica e cultural da cidade de Salvador está presente nos corpos, como se dá o diálogo corporal entre os corpos que preservam as dimensões grotescas e carnavalescas – talvez com resquícios da cultura medieval européia – do catolicismo popular, ao lado dos corpos barrocos e coloniais, dos corpos inseridos no universo cosmológico das religiões africanas, dos corpos indígenas; com os corpos informatizados presentes oriundos do mundo moderno e global? Sobre quais bases se dão estes diálogos? Dominação, submissão, resistência ou negociações? Quais significados teriam a produção dos corpos emagrecidos, leves e saudáveis na cidade de Salvador, no seu projeto de produção novas formas de “baianidades” que diferem de outros pontos do mundo?

Notas

¹ Rabinbach (1992) estuda como esta concepção de corpo enquanto um motor humano entra no cenário produtivo, também estimulado pelos estudos sobre a exaustão e a fadiga, conceitos que se identificam com a modernidade e em que a inatividade era vista como a causa suprema da resistência ao trabalho. As descobertas levaram a compreender a fadiga de uma forma neutra, objetiva e o desafio científico era descobrir um caminho para eliminá-la uma vez que se constituía como um obstáculo para a produtividade. Tais processos também irão coincidir com a emergência das ciências da

nutrição, sendo um dos pilares para as tentativas de eliminação da fadiga dos corpos dos trabalhadores.

- ² Já nos Estados Unidos cerca de um terço da população estão acima do peso esperado. De acordo com uma publicação do *New England Journal of Medicine* em março de 2005, divulgado pelo jornal francês *Le Monde*, esta explosão da obesidade nos Estados Unidos, que atinge também a população jovem, poderá reduzir a esperança de vida nos Estados Unidos invertendo dois séculos de progresso ininterrupto (*Le Monde*, 16 março 2005).
- ³ No verão de 2006, a empresa “Grendene” lançou uma propaganda de seu produto com a modelo Gisele Bündchen, representando uma espécie de nova garota de Ipanema, desfilando nas praias cariocas, tendo ao fundo a música “Garota de Ipanema” cantada em inglês, dando um caráter internacional ou talvez universal.
- ⁴ O uso de silicone nos seios parece desafiar o padrão de beleza retilíneo que segundo alguns autores, anulam os símbolos reprodutivos da mulher.
- ⁵ A idéia de “Lavagem” tornou-se sinônimo de festa e que já é realizado em outros países a exemplo da Lavagem da *Sacre Coeur* em Paris, aos moldes da Lavagem do Bonfim, já na sua oitava edição em 2005.
- ⁶ Todavia, vale a ressalva de Antônio Risério (2004) que tal fato não significou que a praia não tenha sido povoada. Em primeira instância, afirma, a praia foi ‘coisa de pobre’. Índios, escravos e libertos pobres usavam a beira mar para retirar o fruto da sua sobrevivência com a pesca. Também a utilizavam para os banhos higiênicos, recreação e até encontros amorosos.